**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**
**GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

**SIMONE CAMARGO CERQUEIRA**

# UMA ANÁLISE DA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO: O CASO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO BAIRRO DE VALÉRIA

Salvador
2008

**SIMONE CAMARGO CERQUEIRA**

# UMA ANÁLISE DA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO: O CASO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO BAIRRO DE VALÉRIA

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Profª. Drª. Emília Helena Portella Monteiro de Souza.

Salvador
2008

**SIMONE CAMARGO CERQUEIRA**

# UMA ANÁLISE DA PRÁXIS PEDAGÓGICA NO DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO: O CASO DE UMA ESCOLA PÚBLICA NO BAIRRO DE VALÉRIA

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para conclusão do curso de Pedagogia.

**Banca Examinadora**

Iara Rosa Farias _____
Profª e Doutora em Semiótica e Linguística Geral na Universidade de São Paulo.
Pós Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Universidade Federal da Bahia.

Noemi Pereira de Santana _____
Mestre em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.
Universidade Federal da Bahia.

Emília Helena Portella Monteiro de Souza – Orientadora _____
Mestre e Doutora em Letras e Lingüística pela Universidade Federal da Bahia.
Universidade Federal da Bahia.

## DEDICATÓRIA

Dedico esta obra às pessoas que estiveram sempre presentes nos momentos cruciais de minha vida: Meus pais e meus irmãos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu protetor, que me agraciou por me dar a família e os amigos que tenho.

Em segundo lugar e não poderia deixar de ser, agradeço a minha família: minha mãe Célia (fiel companheira), meu pai Bartolomeu (exemplo de luta), minha irmã Erika (orientadora na vida e nos estudos) e meu irmão Junior (jovem destemido), que incondicionalmente sempre estiveram ao meu lado e contribuíram para minha formação.

Ao Marcos, pela paciência, incentivo e cooperação nos últimos quatros anos.

Um agradecimento especial para Emília Carolina por abrir as portas de sua escola para meu aprendizado e por toda sua ajuda e incentivo durante o curso.

Obrigada a todos os professores que contribuíram com meu desenvolvimento intelectual e acadêmico, que me fizeram conhecer e amar a Pedagogia. Em especial à minha orientadora Emilia Helena, que tão prontamente aceitou o desafio de me orientar na elaboração desta monografia e com muita competência e gentileza cumpriu tal tarefa.

Agradeço à professora Iara, que fez sua passagem como docente ser marcante e hoje é uma amiga.

Aos meus colegas e amigos conquistados dentro da Universidade Federal da Bahia, por todo o incentivo, dentre eles (as) alguns que serão para sempre especiais: Cristiana, Nadia, Tiago e Viviane Amaral.

Ao Grupo Gerdau que acima de tudo contribuiu com meu desenvolvimento profissional, me instigou para novos desafios e entendeu de maneira respeitosa minhas necessidades de aluna.

A Gilma e aos membros da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, que aceitaram participar da pesquisa com presteza e contribuíram com a efetivação deste estudo de caso.

*A todos que fizeram parte dessa minha caminhada rumo à conquista do título de graduada, meus sinceros agradecimentos e admiração!*

**RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma análise da práxis pedagógica no desenvolvimento lingüístico a partir de um estudo de caso realizado na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro de Valéria, na cidade de Salvador-Ba. O público pesquisado abrange professoras de 1ª (primeira) e 2ª (segunda) séries do ensino fundamental. De acordo com os pressupostos teóricos estudados, a pesquisa partiu da hipótese de que a maioria das professoras não têm a definição clara dos conceitos de norma padrão e preconceito lingüístico, e assim, não dominam uma metodologia de ensino capaz de auxiliar os alunos a esclarecer possíveis dúvidas com relação ao uso da língua em diferentes contextos sociais. Verifica-se que a suposição foi confirmada a partir dos dados colhidos por meio de aplicação de questionário e constata-se que a formação de professores é um fator categórico para o ensino da Língua Portuguesa e para a conseqüente melhora na qualidade do ensino de forma geral. Destarte, vê-se que para uma prática pedagógica em prol do desenvolvimento lingüístico dos alunos, as ações das professoras da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, assim como em outras instituições de ensino, devem estar pautadas na contínua especialização e no maior conhecimento da ciência da lingüística por parte dos profissionais da educação, além de maior incentivo por parte das instituições de ensino empregadoras e esferas político-administrativas competentes.

**Palavras-chave:** Práxis-pedagógica; Desenvolvimento Lingüístico; Formação de Professores.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 IDEBs observados em 2005, 2007 e Metas para a Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima.....27

Quadro 01 Dados relativos à Formação de Professores.....29

Quadro 02 A contribuição do conhecimento para a práxis pedagógica.....32

Quadro 03 Dados relativos aos Recursos Didáticos.....34

Quadro 04 O conceito de Norma Padrão..... .....36

Quadro 05 O conceito de Preconceito Lingüístico.....37

Quadro 06 A prática pedagógica para o desenvolvimento lingüístico do aluno.....38

Quadro 07 Distribuição de alunos por docente.....40

**SUMÁRIO**

**1. INTRODUÇÃO..... 9**

**2. REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGÜÍSTICO.....12**

2.1 A LÍNGUA, SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM E USO – ALGUNS CONCEITOS.....12

2.2 O QUE DEVE COMPOR O ENSINO DA LÍNGUA NA ALFABETIZAÇÃO?.....16

2.3 A PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE.....21

**3. METODOLOGIA.....25**

**4. ESTUDO DE CASO.....28**

4.1 O CASO DA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA.....28

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....43**

**REFERÊNCIAS.....47**

**APÊNDICE A – Questionário respondido pela professora "A".....49**

**APÊNDICE B – Questionário respondido pela professora "B".....53**

**APÊNDICE C – Questionário respondido pela professora "C".....57**

**APÊNDICE D – Questionário respondido pela professora "D".....61**

**APÊNDICE E – Questionário respondido vice-direção.....65**

**ANEXO A – Localização da Área de Estudo.....67**

**ANEXO B – Cópia de parte do Livro Didático utilizado na 1ª série.....69**

**ANEXO C – Cópia de parte do Livro Didático utilizado na 2ª série.....73**

**ANEXO D – Exemplo de Atividade extra proposta pela professora "A".....80**

**ANEXO E – Exemplo de Atividade extra proposta pela professora "B".....82**

# 1. INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, situada na Rua da Matriz, s/n, Parque do Derba, BR 324, km12, bairro de Valéria, na cidade de Salvador-Ba, atende à comunidade oferecendo o ensino fundamental a 1567 alunos, divididos em 38 turmas, nos três turnos de funcionamento: matutino, vespertino e noturno. Deste total, 330 (trezentos e trinta) estudantes freqüentam as turmas de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, oferecidas nos turnos do matutino e noturno, público focal deste trabalho constituído, por 4 professoras de Língua Portuguesa dessas séries.

A partir das pesquisas teóricas realizadas, referentes à alfabetização, lingüística e formação de professores, partiu-se da hipótese de que os alunos não recebem as orientações necessárias para o uso adequado da língua, considerando os contextos distintos. Parte-se, assim, do pressuposto de que os professores, em sua maioria, não tenham a definição clara dos conceitos de norma padrão, preconceito lingüístico e, por isso, não tenham domínio de conteúdo para auxiliar os educandos nas possíveis dúvidas, com relação ao uso da língua em diferentes situações.

Dessa forma, foi delimitado como objetivo geral da pesquisa reconhecer, dentro do campo analisado, quais as ações desenvolvidas pelas professoras para a compreensão da língua por parte dos alunos. Este alvo se desdobrou em outros objetivos: buscou-se identificar as atividades propostas em sala de aula; reconhecer as principais dificuldades das professoras no ensino do conteúdo de Língua Portuguesa e, finalmente, refletir sobre as consistências e inconsistências entre teoria e prática alfabetizadora.

Os procedimentos adotados para a concretização deste trabalho monográfico se iniciaram com o levantamento bibliográfico e leitura sobre a formação de professores, alfabetização, letramento e lingüística, que ajudaram a reconhecer que a criança de 1ª ou 2ª série, usuária de um dialeto, e capaz de compreender e falar as palavras das quais necessita, para seu convívio social, não conhece as diferentes formas de uso da língua, além das ligações simbólicas e distinções entre letras e sons.

Este é o papel da escola que, através da figura do professor, deve fazer o aluno compreender o sistema escrito da língua e para isso é preciso que principalmente ele, professor, entenda as particularidades da língua portuguesa como e ferramenta de

comunicação e também como fruto de construção social, que engloba a diversidade construída pelos usuários desta língua. Em decorrência desse aspecto social da língua, fez-se imprescindível checar, na pesquisa, os conhecimentos teóricos das professoras sobre norma padrão e o decorrente preconceito lingüístico, além de averiguar possíveis atitudes que demonstrem tais manifestações por parte delas.

Depois de considerada a etapa de levantamento bibliográfico concluída, foi realizada a elaboração do questionário a fim de coletar os dados sobre a práxis pedagógica das professoras atuantes nas duas primeiras séries do 1º ciclo do ensino fundamental da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, que foi composto por vinte questões cujo conteúdo contemplou a formação de professores, o regime de trabalho na instituição, os conhecimentos e a prática em sala de aula referente à norma padrão e preconceito lingüístico, e sobre recursos metodológicos. Além disso, detectou-se também a necessidade de aplicar um pequeno questionário para a vice-direção da escola, no intuito de reconhecer o contexto em que atuam as professoras pesquisadas, colhendo informações sobre o número total de alunos da escola, quantidade de turmas, alunos, funcionários, dentre outras informações.

Após a aplicação do questionário, os dados foram tabulados e analisados a partir dos aspectos teóricos considerados, de acordo com a fundamentação teórica considerada neste trabalho monográfico.

Como conclusão, verifica-se que a prática alfabetizadora das professoras de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, não se assemelha aos pressupostos teóricos apresentados, por não oferecer uma contribuição satisfatória ao desenvolvimento lingüístico dos alunos. O principal fator desencadeador de tal resultado, é a atual formação das professoras que atualmente está pautada apenas no Magistério e de acordo com os dados levantados na pesquisa, não têm os conceitos de norma padrão e norma culta claramente definidos, o que acaba oportunizando situações de preconceito lingüístico dentro da sala de aula.

Por fim, esta Monografia está organizada em cinco capítulos, que se classificam da seguinte forma: no primeiro capítulo, realizei a introdução do tema deste trabalho, onde apresento o tema, objeto de estudo, o objetivo e atribuo a importância da temática escolhida; além disso, são expostas informações sobre a metodologia utilizada e conclusões alcançadas.

No segundo capítulo, é apresentado o referencial teórico, que aborda os conceitos e a problemática da formação e atuação docente, além de identificar os elementos que devem compor o ensino da língua na alfabetização. O terceiro capítulo compõe os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.

O quarto capítulo descreve o estudo de caso, a partir dos questionários aplicados e análises das respostas colhidas. Por último, o quinto capítulo é composto pelas considerações finais que sintetizam os resultados obtidos.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O DESENVOLVIMENTO LINGÜÍSTICO

### 2.1 A LÍNGUA, SEU PROCESSO DE APRENDIZAGEM E USO – ALGUNS CONCEITOS

A fala, a leitura, e a escrita são formas de manifestação da liberdade e cidadania que permitem a comunicação entre os sujeitos para a aquisição e transmissão de conhecimento, cultura e informação. São fundamentalmente mecanismos de utilização da língua de que se apropriam os sujeitos imersos em ambientes sociais nas mais diversas culturas.

No caso da leitura e da escrita, estas são dependentes entre si e essenciais na sociedade letrada do mundo contemporâneo, caracterizado pela competitividade, agilidade de informação e globalização.

Para compreender os significados, em sua essência, dos conceitos citados no decorrer deste trabalho, busca-se a definição e o objetivo das ações, ou seja, os significados e suas finalidades.

Primeiramente, é de fundamental importância compreender que "A língua é uma **atividade social**, um *trabalho coletivo*, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita". (BAGNO, 2007, p. 36). E por ser um produto de construção coletiva, a língua está sujeita a constantes elaborações por parte de seus usuários, o que não a delimita como uma ferramenta de comunicação estável ou imutável, mas sim, como uma variável heterogênea composta por normas convencionadas para que o entendimento seja possível dentro de uma mesma comunidade, afinal:

> A linguagem é um fato social e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas para ela. As pessoas falam da maneira como seus semelhantes e por isso se entendem. Se cada um falasse como quisesse, jamais poderia existir a linguagem numa sociedade. Alguém pode dizer "*nóis vai prantá arrois*" porque é assim que se fala em seu dialeto, enquanto outro diz "nós vamos plantar arroz". Os dois modos de falar são diferentes em alguns aspectos e por isso caracterizam dialetos diferentes, mas ambos são regidos por regras muito específicas. (CAGLIARI, 2007, p. 18).

A primeira forma de utilização da língua da qual se apropria o sujeito é a fala nos primeiros anos de vida, considerando que este ser não tenha nenhum problema de cunho físico que o impossibilite para tal. A criança em sua interação com a família, colegas, vizinhos, e

outros, no decorrer de sua infância, constrói seu vocabulário e consegue se manifestar linguisticamente através de convenções.

Parafraseando Cagliari (2007), a criança na condição de falante nativo utiliza um dialeto, vocabulário e um conjunto de regras específicas da língua, de acordo com o que está acostumado a ouvir em seu meio social. Essa aprendizagem ocorre de forma natural, apenas com o convívio da criança em uma comunidade de fala.

A mesma facilidade de aprendizado não acontece com relação à leitura e à escrita, que requerem a necessidade de um ensino sistematizado, para que o objetivo tanto em relação à leitura quanto em relação à escrita seja alcançado.

Utiliza-se, assim, a contribuição de Cagliari que define leitura como:

> A leitura é, pois, uma **decifração** e uma **decodificação**. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. (CAGLIARI, 2007, p. 150).

Quanto ao objetivo da leitura, o autor aponta sua utilização como premissa para o aprendizado e diz: "A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma" (CAGLIARI, 2007, p. 148).

No que se refere à escrita, considera-se a seguinte conceituação:

> Do ponto de vista da relação entre mundo verbal e a realidade, a escrita é um sistema simbólico de representação da realidade. Sendo assim, ela substitui e indica algo, permitindo que com o seu uso seja possível operar sobre a realidade através da palavra. (AZENHA, 2004, p. 41).

O intuito da escrita é sinteticamente descrito por Cagliari: "a escrita deve ter como objetivo essencial o fato de alguém ler o que está escrito" (CAGLIARI, 2007, p. 104).

A escrita é uma forma de expressão da língua que é ensinada na alfabetização e assim conceituada por Marcuschi (2001, p. 21 e 22): "A alfabetização pode dar-se, como de fato se deu historicamente, à margem da instituição escolar mas é sempre um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever".

A alfabetização se torna, portanto, uma etapa da aprendizagem fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. É nesta fase que o sujeito aprendiz adquire as noções de aspectos gráficos e construtivos da escrita. Este, caracterizado pelo que se pretende representar e aquele, demarcado pelo tipo do traço, sua dimensão espacial, etc. Para isso, se faz necessário o estímulo ao desenvolvimento de competências cognitivas e motoras de forma simultânea, no intuito de desenvolver o raciocínio necessário para a compreensão e uso da língua.

> No que diz respeito à alfabetização, entendemos que os benefícios conquistados pela educação de corpo inteiro interferem positivamente nesse processo, não apenas no que tange à dimensão figurativa da escrita (caligrafia, posição das letras e disposição do traçado no papel), mas também no que se refere ao significado e compreensão do ato de escrever. (COLLELO, 2004, p. 21).

A alfabetização é um processo no qual o sujeito aprendiz deve compreender o significado de representações simbólicas, que permitam, através de um conjunto de traços pré-determinados, realizar ou transmitir idéias socialmente padronizadas. É o caso das letras e números que representam seus sons e idéias de quantidade através de um sistema escrito. Este processo de aquisição e compreensão da forma gráfica da língua é complexo, principalmente quando o aluno se depara com códigos escritos distintos, cuja combinação representa diferentes sons da fala e dá nome aos objetos que simbolizam. Esse difícil processo de aquisição da representação simbólica da língua é explicado por Azenha da seguinte forma:

> Se a escrita representa parte da linguagem falada, ela o faz através de uma convenção que é arbitrada socialmente. [...] Nenhuma característica da escrita tem semelhança com o objeto representado. As letras, que para um iniciante são apenas traços no papel, simbolizam sons da fala e compreender este conteúdo implica ser capaz de estabelecer relações simbólicas com as coisas, isto é, relações que são mediadas por um objeto que as substitui ou representa. (AZENHA, 2004, p. 43).

A ciência que contribui com as especificidades para a compreensão e estruturas componentes da língua é a lingüística, conceituada por Cagliari:

> A Lingüística é o estudo científico da linguagem. Está voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona e de como são as línguas em particular, quer fazendo o trabalho descritivo previsto pelas teorias, quer usando os conhecimentos adquiridos para beneficiar outras ciências e artes que usam, de algum modo, a linguagem falada ou escrita. (CAGLIARI, 2007 p. 42).

Sendo a fala um instrumento de expressão da língua, tão espontânea e natural para os sujeitos e ao mesmo tempo, extremamente complexa para a aquisição do domínio em sua

forma escrita, explica-se que o aprendizado possa ser seqüenciado e composto por importantes etapas, conforme classifica Ferreiro:

> Do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas. Aí, podem ser distinguidos três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões:
> - distinção entre o modo de representação icônico (desenho) e não icônico (escrita) - (a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e as não-figurativas);
> - a construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre os eixos qualitativo e quantitativo)
> - a fonetização da escrita (que se inicia com o período silábico e culmina no período alfabético). (FERREIRO, 1995, p. 18 e 19).

A aquisição do sistema escrito pela criança engloba, portanto, a compreensão da noção de quantidade e sons através da representação das letras e números. Sendo, pois, formas gráficas carregadas de sentido, muito mais se pode esperar quando diversas letras, palavras, frases e sons se juntam para dar início a uma mensagem. Assim, as palavras podem ser usadas de uma simples maneira apenas para representar o que elas realmente carregam de sentido, mas, além disso, podem representar mensagens implícitas. Um exemplo disso são os ditos populares que, além de dizer o que a mensagem realmente transmite, possuem uma moral, ou seja, uma idéia ou pensamento subentendido de acordo com o ambiente, ou com o contexto no qual é expresso.

Nesse sentido, busca-se o significado do letramento que nos dias atuais é um tema amplamente discutido por sua complementariedade com a alfabetização. Mesmo assim, para alguns autores, como é o caso de Marcuschi, os temas: alfabetização / letramento, possuem distinções. O autor explica a existência do termo ”letramento” e fala da importância de desenvolver sujeitos letrados:

> O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc., mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia e Matemática ou escreve romances. Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2001, p. 25).

Considerando assim a alfabetização como o aprendizado para a utilização do sistema escrito e fornecedor de caracteres para o som de nossa língua, tem-se o letramento como o uso de tais símbolos nas interações sociais.

Trabalhar em conjunto com os conceitos de língua, alfabetização e letramento, dentre os demais citados, é reconhecer que a linguagem estabelece as relações sociais e que no meio dessa relação existe um processo de compreensão entre os indivíduos. Neste processo de aprendizagem em seu caráter formal, a escola se transforma na instituição responsável por propiciar a propagação das normas convencionais da língua, e o professor assume a responsabilidade de ser o mediador principal deste aprendizado.

É com base, portanto, nos conceitos aqui mencionados que este trabalho se desenvolve e busca conhecer a prática alfabetizadora no ensino da língua portuguesa escrita, na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima.

## 2.2 O QUE DEVE COMPOR O ENSINO DA LÍNGUA NA ALFABETIZAÇÃO?

O uso da língua pela criança se inicia desde muito cedo quando ela começa a ouvir os sons e pronunciar as primeiras palavras. Ao passar do tempo o uso da língua proporciona maior interação social e desenvolvimento nas formas de expressão da criança, que se aprimoram com o exercício diário decorrente das interações sociais. Segundo Cagliari, "uma criança que entra na escola pela primeira vez aos 7 anos já trilhou um longo caminho lingüístico, já provou no dia-a-dia um caminho e uma habilidade lingüística muito desenvolvidos" (CAGLIARI, 2007, p. 19).

Na alfabetização, certos saberes são básicos para que a criança possa evoluir em seu aprendizado, desenvolvendo sua consciência de unidade de palavra e organização de página escrita. De acordo com Lemle, são três as capacidades que o alfabetizando precisa desenvolver no que se refere ao ensino da língua:

> A primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala. A segunda é a capacidade de enxergar as distinções entre as letras. A

> terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua (LEMLE, 2005 p. 9,10).

A partir daí o objetivo é que o uso da língua na forma escrita se torne cada vez mais fluente por parte do aluno e que seus novos conhecimentos agreguem às suas competências de grafia. Entretanto, nem sempre é isso que acontece, pois com o ensino tradicional em nossas escolas, decorrentes de exigências de cursos e concursos em níveis mais elevados de escolaridade, os currículos escolares demandam o ensino de conteúdos gramaticais, sem, muitas vezes, considerar a efetiva aplicabilidade do que está sendo aprendido por parte do aluno.

A criança, então, passa a ser cobrada na escola por conteúdos da língua que se distanciam das variedades lingüísticas que ouve e fala comumente, assim, percebe a língua utilizada em sala de aula como aquela detentora de diferenças singulares das que a maioria das pessoas praticam no cotidiano. Essas são as variações decorrentes das formas gráficas e sonoras da língua que configuram a complexidade desta e as particularidades que podem caracterizá-la na maneira de como é utilizada em diferentes regiões. Este fato explica a importância de que as variedades sejam tratadas pela escola e ensinadas como um fato social e não como uma manifestação de erro por determinados usuários.

Aqui, é importante destacar que a idéia de erro existe porque nossa sociedade convencionou um modo de utilização da língua como padrão, o que transmite a idéia de que existem dois tipos de uso da língua: a norma *culta* e a *não culta*. Esse binômio é principalmente caracterizado pela segregação social, geográfica, econômica e política que é praticada em nossa sociedade, marcada por injustiças sociais. Nesse contexto, vale esclarecer os conceitos de norma padrão e norma culta, parafraseando Bagno (2007):

- Norma padrão:

A norma padrão não é utilizada pelos falantes em seu uso cotidiano. Se trata da norma prescrita pela gramática normativa, que historicamente possui um caráter elitista, no intuito de selecionar determinadas formas lingüísticas (prestigiadas socialmente) e excluir as demais. Na prática, a exclusão não é apenas das formas da língua, mas dos cidadãos que as falam.

- Norma culta:

A norma culta é o conjunto de variedades lingüísticas praticadas pelos falantes com maior poder econômico da sociedade e consequentemente, de escolaridade. Embora muito de seus usos não esteja de acordo com o que a norma-padrão estabelece, são caracterizados como português prestigiado.

Constata-se assim, que a norma padrão é uma determinação de uso da língua ditada como norma correta, que determina ou aponta como erro, os possíveis desvios realizados na utilização desta.

Para que isso não ocorra é de crucial importância que o docente tenha clara a idéia de o objetivo final de sua atuação como professor de língua portuguesa é proporcionar situações de aprendizagem para que o aluno se aproprie de mecanismos de utilização da língua para as diversas situações da vida. Indubitavelmente, se faz necessária a identificação do ambiente ou contexto em que a língua deve ser empregada para que sua aplicabilidade possa ser adequada de acordo com o contexto.

Em um ambiente informal, por exemplo, numa determinada roda de amigos, não se vê a necessidade do uso da língua formal, sendo possíveis as construções livres e criativas dos falantes, inclusive é muito comum o uso de gírias. Já em ambientes formais de trabalho, estudo, ou em outras instituições, exige-se a aplicação da língua de maneira mais elaborada, seguindo critérios de utilização que são reconhecidos como cultos. A adequação do uso da língua às situações de vida exige tais ajustes nas manifestações orais ou escritas, já que a forma de uso da língua se tornou um mecanismo de seleção.

Refletir sobre o que ensinar em Língua Portuguesa na alfabetização tem a ver com o real objetivo da escola. Esta reflexão conta também com a contribuição de Cagliari que descreve tal objetivo da seguinte forma:

> [...] o professor de português deve ensinar aos alunos o que é uma língua, quais as propriedades e usos que ela realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos, nas mais variadas situações de suas vidas. (CAGLIARI, 2007, p. 28).

O trecho acima citado abrange o que talvez muitas pessoas em nossa realidade social e educacional passam a vida toda sem compreender. Apenas um ensino que estimule leituras e discussões sobre o assunto do uso da língua em diferentes culturas e práticas, além da

importância de cada uma dessas construções sociais, é capaz de atingir o objetivo do ensino da língua proposto pelo autor.

O desinteresse pela leitura e a dificuldade da escrita facilmente constatados na maioria dos jovens e crianças de hoje, decorrem de um ensino tradicional e desestimulante da língua, que aborda somente usos de regras cujas aplicações são desarticuladas a um contexto de escrita ou leitura. A aula de português na maioria das escolas se transformou, na prática, em aula de gramática normativa, onde o aluno não visualiza a aplicabilidade do aprendizado no seu dia-a-dia, com isso, a aula se torna desinteressante e obrigatória para o cumprimento de carga horária escolar. As conseqüências disso são desastrosas, pois resultam num falso aprendizado do aluno, que pode se tornar um sujeito sem perspectivas de evolução educativa e profissional.

A crítica ao uso da gramática normativa não se trata de uma questão política ou partidária. Até porque este trabalho visa demonstrar a importância de apresentar a norma padrão aos alunos de hoje para que a utilizem em contextos apropriados sem diferenciações. Os pedagogos e educadores em geral têm o dever de demonstrar aos aprendizes que existem diferentes formas de expressão oral e escrita e que cada uma delas pode, ou é recomendável que seja, empregada em determinadas situações.

Nesse sentido, é imprescindível que o professor atuante na alfabetização tenha a percepção de que o aluno irá tirar algumas conclusões por conta própria de acordo com sua lógica de raciocínio e este processo nem sempre o levará para o atendimento às normas gramaticais convencionais das quais são guiadas à língua portuguesa. Dessa forma, o alfabetizador deve estar preparado para orientar este aluno conforme explicita Lemle:

> É muito importante que o alfabetizador tenha bem claras em sua mente essas particularidades nas variedades de correspondências entre sons e letras. Fatalmente, o alfabetizando com capacidade de observação e de crítica fará perguntas do tipo:
>
> _ Professor, se eu falo [péis], porque é errado escrever peis?
> _ Eu falo [matu] e não [mato]. Devia ser *matu* a escrita certa.
> _ [pau] e [sau] se falam igualzinho. Por que se escrevem *pau* e *sal*?
>
> A resposta dada pela maior parte dos professores é a de que "a gente é que fala errado, porque o certo é falar [pés], [mato], [sal]". Mas é uma péssima resposta.
> O professor deve estar apto a explicar que a posição precisa ser levada em conta para a correspondência entre sons e letras. Assim, no fim das palavras é a letra *o* que transcreve o som [u], e é a letra *e* que transcreve o som [i]. Em relação ao fim de sílaba, ocorreu uma região onde vivemos uma mudança de pronúncia do *l*, e por isso pronunciamos como [u] essa partezinha da palavra que nossos avós

> pronunciavam como [l]. É por isso que [sau] e não [sal]. Mas, preste atenção, nós falamos [saleiro]. Eis o l de volta. O [u] de [sau] é um [l] que mudou para [u]. Em nosso dialeto, pronunciamos nossos /l/ como [u], no fim das sílabas.
> Essa é a maneira como tais perguntas devem ser respondidas. Responder dizendo que as pessoas falam errado é um equívoco lingüístico, um desrespeito humano e um erro político. Um equívoco lingüístico, pois ignora o fato de que as unidades de som são afetadas pelo ambiente em que ocorrem, ou seja, sons vizinhos afetam-se uns aos outros. Um desrespeito humano, pois humilha e desvaloriza a pessoa que recebe a qualificação de que fala errado. Um erro político, pois ao se rebaixar a auto-estima lingüística de uma pessoa ou de uma comunidade contribui para amedrontá-la. O professor que usa a saída fácil de explicar as dificuldades de escrita como sendo ocasionadas por defeitos da fala contribui para a marginalidade de seus alunos. (LEMLE, 2005, p. 19-20).

É fundamental uma explicação coerente e responsável, que não classifique o aluno como causador de eventuais desvios de utilização da língua ou até mesmo julgue a própria Língua Portuguesa como detentora de regras ou normas inalcançáveis para a maioria dos alunos, para que a criança receba os estímulos necessários e tenha interesse em estudar sua Língua.

Um outro aspecto importante a ser citado é a questão do preconceito lingüístico tão presente em nossa sociedade discutido por Bagno (1999). O preconceito lingüístico não é resumido em uma definição única, mas é explicado pelo autor como as formas negativas de que os brasileiros têm de si mesmos e da língua utilizada no país. Na obra, o autor discute as diferentes formas de preconceito lingüístico praticado no Brasil, que variam desde a idéia amplamente disseminada de que se precisa conhecer gramática para saber falar e escrever bem, até o esclarecimento do mito: "As pessoas sem instrução falam tudo errado" [1]. Como tais concepções estão presentes em muitas escolas, cabe aqui o esclarecimento que o livro nos fornece, parafraseando o autor:

- Se fosse necessário conhecer gramática para escrever e falar bem, os gramáticos seriam excelentes escritores e estes, por sua vez, seriam ótimos gramáticos.

- Existem formas de preconceito com relação a diferentes classes sociais e regiões do país. Como exemplo, o modo de falar retratado nas novelas com personagens nordestinos que em sua maioria são caracterizados como grotescos e atrasados, na

[1] Para outros exemplos de preconceito lingüístico, consultar obra.

intenção de provocar uma esfera de deboche por parte do espectador, segundo o autor.

O preconceito lingüístico está presente em nossa sociedade e o ensino da Língua Portuguesa, em prol de um desenvolvimento lingüístico satisfatório, que combata as más interpretações e estimule o real interesse do aluno para o aprendizado da língua, deve contar com uma prática pedagógica composta por profissionais capacitados continuamente e acima de tudo sujeitos comprometidos com este ideal.

## 2.3 A PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE

Discutir sobre a formação e atuação docente requer, inicialmente, conhecer o significado de termos frequentemente utilizados: práxis e pedagogia. A palavra práxis deriva do latim *praxi* e significa "aquilo que se pratica habitualmente" (CUNHA, 1982, p. 628). A palavra pedagogia, une as terminologias de pedo e logia, que significam, respectivamente, "criança" (CUNHA, 1982, p. 590) e "estudo, tratado" (CUNHA, 1982, p. 480).

É comum encontrarmos críticas sobre a prática docente no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa nas escolas brasileiras. Essas críticas, muitas vezes destrutivas, de nada acrescentam para a formação dos profissionais ou para a mudança da práxis pedagógica e variam desde a qualificação dos professores até o currículo escolar. A formação e a prática docente são fatores determinantes que influenciam diretamente no resultado final da educação, que é o aprendizado dos alunos, mas isso não é tudo.

A prática pedagógica requer primeiramente profissionais que tenham a verdadeira vontade de ensinar, que se orgulhem de sua profissão e encarem o ato educativo como uma missão. O professor deve (ou ao menos tentar) ser imparcial em suas posições políticas ou religiosas, deve procurar ao máximo se abster de preconceitos e pré-julgamentos que possam intervir em sua atividade cotidiana. Essa "imparcialidade" está longe de ser considerada como displicência em suas posições ideológicas, mas acima de tudo, significa o exercício de respeito à cultura, diversidade e opiniões dos indivíduos que o cercam.

O caráter político da prática docente, embora muitas vezes mal interpretado ou até mesmo mal praticado, se dá pelo seu alcance social da atividade de educar. Afinal, não é qualquer atividade profissional que dá ao sujeito um poder de livre expressão e ampla

divulgação de seus propósitos e ideais, como é o caso do professor. Aparentemente, este pode parecer um discurso teórico, longe do cotidiano da sala de aula, mas, é a realidade que faz da atividade do professor, antes de mais nada, uma prática social. O professor é a figura que serve de exemplo às crianças da pré-escola, do ensino fundamental, do ensino médio, do ensino superior, etc. O profissional da educação, seja qual for a disciplina que ministre, é a figura que o aluno conhece culturalmente como o "detentor do saber" e, por isso, sua atuação deve estar pautada nos valores éticos, que sustentam a vida em sociedade.

Mas, o que isso tudo tem a ver com a prática alfabetizadora?

No Brasil, país onde possui elevados índices de analfabetismo, a prática docente, possui, além de seu caráter educativo, uma concepção ideológica. A alfabetização deixou de ser apenas o ensino de letras, sílabas e frases para ser um ensino que estimule no aluno a reflexão e a busca pelo sentido do que está sendo ensinado. Essa é a principal relação entre a alfabetização e o letramento. Ambos conceitos caminham juntos na busca de um aprendizado crítico, carregado de sentido para que o aluno capte no seu aprendizado a essência do uso das letras em seu cotidiano e no exercício de sua cidadania.

Alfabetizar o aluno é fazer com que ele consiga decifrar letras para ler e escrever um nome. Letrar esse aluno é o fazer perceber como sujeito social e utilizar o conhecimento da grafia para o exercício de sua cidadania.

Pelo caráter infindável da educação, é de fundamental importância que o profissional da educação esteja constantemente aprimorando seus conhecimentos. Sua prática além de ser social, conforme explicitado anteriormente, é extremamente metódica e requisita uma qualificação compatível com as dificuldades que encontrará no dia-a-dia da sala de aula. Nesse sentido, vale lembrar da importância do currículo que forma esses profissionais, dotada de noções de antropologia, psicologia, sociologia, filosofia, além de tantas outras disciplinas que regem e ensinam práticas, métodos didáticos e abre para reflexão do professor temas históricos, políticos e contemporâneos que o auxiliam a compreender o processo educativo numa perspectiva de maior abrangência.

No caso específico do pedagogo ou professor que atua com a alfabetização ensinando a língua portuguesa, embora pareça redundante, é fundamental que o profissional conheça seu objeto de trabalho para que possa ensiná-lo. Nesse aspecto, além de conhecer a língua em

questão, a literatura demonstra que o conhecimento lingüístico pode ser de grande valia para que o professor não cometa pré-julgamentos sobre o rendimento dos alunos com relação à manipulação da língua.

No período da alfabetização, por exemplo, quando o aluno troca a escrita convencional de uma palavra pela transcrição fonética, um professor mal preparado poderá tachá-lo como incapaz, baseando-se no "erro" ortográfico cometido. Na situação contrária, quando o professor é capacitado para investigar e detectar as causas que interferem nesse aprendizado, poderá explicar ao aluno as diferenças entre língua falada e língua escrita, entre o informal e o convencional. Este é um preceito exemplificado por Cagliari, quando aponta:

> O aluno que escreve errado o **ene** [...] ou inverte o **esse** [...] o faz não porque é deficiente, ou tem problema de discriminação, problema motor, de lateralização ou outros que a escola inventa para entender esse erro. Ele pode escrever assim simplesmente porque lhe ensinaram, ou ele deduziu a partir de sua experiência como usuário do sistema de escrita que se devem escrever as letras começando sempre (ou quase) pelo canto esquerdo de cima e depois descendo ou indo para a direita. A escola muitas vezes procura a causa do insucesso do aluno em lugares errados. Em vez de atribuir-lhe uma deficiência, por que não investiga melhor, antes, que tipo de reflexão a criança está fazendo quando comete seus erros? Pode ser que ela tenha simplesmente feito uma escolha errada, dentro do conjunto de possibilidades que se usam normalmente. (CAGLIARI, 2007, p. 31).

Apesar de o autor, neste trecho, citar que tais interpretações são praticadas pela escola, entende-se que estas são feitas, principalmente, pela figura do professor que está mais próximo do aluno e percebe com maior especificidade as dificuldades ou os avanços da turma. Por isso, a relevância e consideração neste trabalho, por uma formação do professor que o habilite também para a identificação do raciocínio realizado pelo aprendiz, a fim de que as ações educativas sejam direcionadas para uma prática que estimule o aprendizado da língua.

Uma má interpretação realizada pelo professor pode gerar grandes frustrações e desconforto ao aluno. Imaginando que este aluno faça parte de um ambiente social que não o estimule para a leitura, escrita e para o aprendizado escolar, além de, concomitantemente, receber tais reforços negativos através de comentários ou de uma instrução que não seja construtiva para sua evolução, o aluno pode se perceber como incapaz e acreditar que o "mundo das letras" não é compatível com sua realidade. São grandes e graves as conseqüências individuais de tal percepção, que começa no baixo interesse do aluno pelo estudo e termina na evasão escolar, enquanto que as conseqüências sociais se retratam através do analfabetismo ou baixa escolaridade dos cidadãos, perpetuando as desigualdades sociais

em países cujo poder e a distribuição de renda estão diretamente relacionadas com o grau de escolaridade dos indivíduos.

Observa-se, assim, a importância da formação do professor, pautada em conhecimentos sólidos a partir de uma teoria consistente e da troca de experiências entre profissionais da área educativa, que lhe forneça subsídios para uma atuação socialmente relevante. Logo, os conhecimentos sobre alfabetização, letramento e lingüística se tornam fundamentais para a prática docente e, conseqüentemente, para o ensino de língua portuguesa.

## 3. METODOLOGIA

O conceito de metodologia neste trabalho é assim entendido: "O estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para fazer ciência - para se empreender a investigação científica" (DEMO, 1992 apud LAGE, 2002, p. 11). A investigação científica, por sua vez, "se expressa como construção e busca de um saber para o qual no momento não se possui resposta eficaz consistente e justificável" (LAGE, 2002, p. 10).

A presente pesquisa acadêmica, entendida por "uma atividade pedagógica que visa despertar o espírito de busca intelectual autônoma" (SANTOS, 2002, p.03) é caracterizada por uma análise de caráter **explicativo**, pois procura "explicar [...] a identificação dos fatores que determinam a ocorrência, ou a maneira de ocorrer, dos fatos/fenômenos/processos" (SANTOS, 2002, p.04).

Inicialmente, as informações foram coletadas a partir da pesquisa **bibliográfica**, já que "na atualidade, praticamente qualquer necessidade humana, conhecida ou pressentida, possui algo escrito a seu respeito. Por isso a pesquisa com base em uma bibliografia deve encabeçar qualquer processo de busca científica que se inicie" (SANTOS, 2002, p.04); além do resgate de dados em **campo** que "é o lugar natural onde acontecem os fatos, fenômenos e processos" (SANTOS, 2002, p.04).

Em seguida, foi utilizado como método de investigação o **Estudo de Caso**, que "é a seleção de um objeto de pesquisa restrito, com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos" (SANTOS, 2002, p.06), por meio da aplicação do questionário, conceituado como "instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador" (LAGE, 2002, p. 33).

Destarte, em prol da delimitação e caracterização do percurso realizado nesta investigação, descreve-se a seguir as etapas vivenciadas.

- Levantamento bibliográfico e análise da literatura sobre a formação de professores, alfabetização, letramento e lingüística;

- Elaboração do questionário para a coleta de informações sobre a práxis pedagógica dos professores para o ensino de Língua Portuguesa no 1º ciclo do ensino Fundamental e para reconhecimento do contexto aplicado para a vice-direção;

- Apresentação da proposta de pesquisa monográfica na escola onde se aplicou o questionário;

- Aplicação do questionário;

- Análise da práxis pedagógica de acordo com as respostas obtidas, comparadas aos pressupostos teóricos;

- Conclusão do relatório.

O levantamento bibliográfico foi realizado no decorrer do curso de Pedagogia e em prol da realização desta pesquisa, que resultou em fichamentos das obras consultadas, fundamentais para a seleção de informações e conceitos abordados no desenvolvimento referencial teórico.

O próximo passo foi a confecção do questionário, sendo este o instrumento de coleta de dados escolhido para a pesquisa por se tratar de "uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador" (LAGE, 2002, p. 33), dessa forma, a captura de informações no campo de estudo se fez de forma prática, alcançando seu objetivo.

Quando apresentada a proposta de trabalho na Escola Nossa Senhora de Fátima, a vice-direção da escola aceitou a proposta e permitiu o acesso às suas dependências para a aplicação dos questionários que ocorreu no período de 03 a 05 de novembro de 2008.

Os questionários de cunho qualitativo foram aplicados aos professores atuantes no 1º ciclo do ensino Fundamental, de acordo com os Apêndices A, B, C e D. Além disso, para conhecer o contexto que circunda a realidade desses professores e alunos, também foi aplicado questionário (APÊNDICE E) de cunho qualitativo / quantitativo à vice-direção. Vale ressaltar que o questionário foi aplicado para todo o universo de professores que trabalham com o 1º ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries) na disciplina de Língua Portuguesa que totalizam quatro profissionais.

O próximo passo foi agrupar os principais conteúdos abordados no questionário para permitir a análise dos dados, pelo fato de a ferramenta utilizada na pesquisa ser fundamentalmente qualitativa. Desse modo, a análise foi realizada observando os seguintes grandes temas:

- Formação do professor;
- Recursos Didáticos;
- Norma Padrão;
- Preconceito Lingüístico.

Com os dados coletados, foi possível identificar os principais fatores que influenciam no ensino da Língua Portuguesa para os alunos de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental na escola pesquisada, identificando carências que retratam o ensino público na cidade de Salvador.

## 4. ESTUDO DE CASO

### 4.1 O CASO DA ESCOLA ESTADUAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

A fim de verificar a realidade da práxis pedagógica para o desenvolvimento lingüístico dos alunos de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, este estudo propôs a aplicação de questionários aos docentes de Língua Portuguesa (APÊNDICES A, B, C e D), enquanto que ao vice-diretor da instituição, o questionário contribuiu para colher informações gerais sobre a escola (APÊNDICE E), com o objetivo de conhecer informações gerais sobre a instituição de ensino no qual as professoras pesquisadas estão inseridas.

A aplicação do questionário ocorreu no período de 03 a 05 de novembro de 2008, nos períodos matutino e vespertino, na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, localizada n Rua da Matriz, s/n, Parque do Derba, BR 324, km12, bairro de Valéria, na cidade de Salvador-Ba. Segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb)[2] da escola pesquisada nos anos iniciais da educação fundamental, foi de 2,5 no ano de 2007, com meta de 3,3 para o ano de 2009.

| Ensino Fundamental | IDEB Observado | | Metas Projetadas | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2005 | 2007 | 2007 | 2009 | 2011 | 2013 | 2015 | 2017 | 2019 | 2021 |
| Anos Iniciais | 2,6 | 2,5 | 2,7 | 3,3 | 3,8 | 4,1 | 4,4 | 4,7 | 5,0 | 5,3 |
| Anos Finais | - | - | - | - | - | - | - | - | - | - |

Fonte: Prova Brasil e Censo Escolar.
BRASIL, 2007.

**Figura 01 – IDEBs observados em 2005, 2007 e Metas para a Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima.**

Vê-se, assim, a meta de 2009 como um grande desafio para a escola que deve ter ações contínuas para a melhora na qualidade do ensino a fim de atender aos índices propostos pelo Ministério da Educação e Cultura, mas acima de tudo, oferecer cada vez mais qualidade no ensino aos 1567 alunos ali matriculados, divididos em 38 turmas nos 3 turnos de

[2] O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado pelo Inep em 2007 e representa a iniciativa de reunir num só indicador dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações, de acordo com os resultados obtidos na Prova Brasil e no Censo Escolar.

funcionamento: matutino, vespertino e noturno. Para isso, conta com 30 funcionários e 24 professores que possuem aproximadamente 40 alunos por turma.[3]

No que diz respeito, especificamente, ao primeiro ciclo do ensino fundamental na escola pesquisada, as turmas de 1ª e 2ª séries são oferecidas nos turnos matutino e noturno, com um total de 330 alunos divididos em 11 turmas, resultando, segundo informações da vice-direção, em classes com aproximadamente 30 alunos.

O ciclo I, na Escola Nossa Senhora de Fátima, possui 4 (quatro) professoras, todas do sexo feminino, sendo que se dividem entre a 1ª e a 2ª série do ensino fundamental.

Um dos critérios satisfatórios da pesquisa foi a constatação de que 100% das professoras garantem conhecer o projeto pedagógico e procuram elaborar suas aulas para contribuir com os conteúdos globais do projeto escolar.

Na intenção de facilitar a análise das respostas, os dados obtidos foram primeiramente inseridos em uma tabela. Para as respostas abertas, as entrevistadas foram simbolicamente identificadas como "A", "B, "C" e "D", a fim de manter a confidencialidade dos nomes e possibilitar a rápida visualização de suas respostas.

Para facilitar a análise das respostas, os dados coletados foram transcritos em formato de tabela e dispostos neste capítulo a partir dos temas de interesse: formação de professores, Recursos Didáticos, Norma Padrão e Preconceito Lingüístico. Por isso, os quadros inseridos no decorrer do desenvolvimento deste capítulo apresentam as perguntas e respostas em ordem não seqüencial, a fim de proporcionar melhor visualização das respostas ligadas aos temas identificados, conforme segue:

- Formação do professor

Conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394 de 1996, nos artigos 62 (sessenta e dois) e 67 (sessenta e sete) referente à formação dos profissionais da educação, tratam do ingresso do docente na educação fundamental e de sua formação continuada, determinando que eles devem possuir nível superior, ter seu ingresso na

[3] Informações extraídas do questionário conforme Apêndice E.

instituição de ensino por meio de concurso público e uma formação continuada remunerada, conforme segue:

> Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental [...].
>
> Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público:
>
> I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos;
>
> II - aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim. (BRASIL, 1996, p. 21-22).

No caso da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, de acordo com os dados colhidos através do questionário, as respostas referentes à formação de professores ficou assim distribuída:

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta | Percentual (%) |
|---|---|---|---|
| 2 | Formação: | Magistério | 100 |
| 3 | Recebe alguma ajuda financeira da Escola / Governo para se especializar, que ajude nos custos de mensalidade, alimentação transporte, etc.? | Sim | 50 |
| | | Não | 50 |
| 4 | Tempo de Formação: | Entre 1 (um) e 5 (cinco) anos | 25 |
| | | Mais de 15 anos | 75 |
| 6 | Renda Mensal: | Abaixo de R$ 1.000,00 | 25 |
| | | De R$ 1.000,00 a R$ 1.500,00 | 25 |
| | | Acima de R$ 1.500,00 | 50 |
| 7 | Escolheu ser professor (a) por qual motivo? | Aptidão | 75 |
| | | Não tinha outra opção | 25 |
| 8 | Trabalha na unidade escolar há quanto tempo? | Mais de 01 ano e menos de 05 anos | 25 |
| | | Mais de 05 anos e menos de 10 anos | 25 |
| | | Mais de 25 anos | 50 |
| 9 | Qual seu regime de contrato? | Sou professor (a) efetivo (a) | 100 |

**Quadro 01 – Dados relativos à Formação de Professores**

A pesquisa se deparou com o fato de que 25% das professoras alega ter escolhido a profissão porque não tinha outra opção, diferentemente das demais respondentes que correspondem a 75%. Apesar de ser numericamente, a minoria, o fato é preocupante e

entristecedor. Afinal, "a docência constitui um campo específico de intervenção profissional na prática social – não é qualquer um que pode ser professor" (LIBÂNEO, in PIMENTA, 2006, p. 42). Este fato pode ter conseqüências mais profundas tanto pessoais para a professora em questão, quanto para os alunos assistidos por ela. No caso da professora, insatisfações com relação à profissão ou à atividade podem não a estimular para uma prática comprometida que se refletirá nos alunos e no aprendizado deles.

Uma outra questão trabalhada foi com relação ao tempo de trabalho das professoras que são efetivas na instituição, nas quais 50% superam os 25 (vinte e cinco) anos, 25% das entrevistadas possuem o tempo maior que 5 (cinco) anos e os outros 25% das entrevistadas prestam serviço a um tempo inferior a 5 (cinco) anos na escola pesquisada.

Apesar do tempo de experiência que possuem, a renda que recebem é representada da seguinte maneira: 50% das professoras afirmam ter renda superior a R$ 1.500,00 (Um mil e quinhentos reais), 25% delas alegam receber entre R$ 1.000,00 e R$ 1.500,00 (um mil e um mil e quinhentos reais) e 25% asseguram o valor abaixo de R$ 1.000,00 (Um mil reais).

Observa-se que essas profissionais possuem formação em Magistério, sendo que 75% completaram os estudos há mais de 15 (quinze) anos e apenas 25% delas têm sua formação com menos de 5 (cinco) anos.

Quanto aos incentivos financeiros para a formação continuada, 50% informaram receber tal custeio da Escola/Governo para se especializar, participando de cursos, palestras, seminários, etc; enquanto que os outros 50% das participantes da pesquisa afirmam não receber nenhum tipo de ajuda financeira para freqüentar tais eventos.

O incentivo que as professoras em questão deveriam receber (assim como todas as outras), envolve o preparo para uma atuação que estimule os alunos a um raciocínio crítico de sua realidade, a fim de que no futuro o aluno saiba utilizar o conhecimento adquirido na escola para suas demandas como cidadão ativo em seu meio. Essa atuação por parte do professor tem início desde as primeiras séries e requer uma formação adequada para atender, com confiança, tais demandas exigidas na sociedade moderna, conforme explica Kleiman:

> A alfabetizadora exerce hoje uma função para a qual não foi preparada no curso de magistério. Por força da instituição, ela passa a ser a representante dos grupos letrados na sala de aula, sendo que nem a sua formação, nem a sua extração

> social, nem a sua condição econômica lhe permitem exercer com segurança esse papel. (KLEIMAN et al., 2001, p.29).

Diante dos dados levantados, conclui-se que na escola em questão, a formação de professores não é uma referência a ser adotada, já que as professoras atuantes nas séries pesquisadas concluíram apenas o magistério e não iniciaram um curso de graduação.

Esses fatos inferem a interpretação de que na escola em questão a formação de professores é um fator com amplas oportunidades de melhoria. Apesar dos anos de experiência que as professoras possuem, as trocas realizadas com outros profissionais e as novas informações recebidas em cursos, palestras, oficinas, grupos de estudo, etc., sem contar com a formação de nível superior, são de fundamental importância para o profissional da educação que deve estar em constante atualização e em permanente situação de aprendizagem e contato com as teorias que envolvem educação. Os baixos salários, apesar da grande experiência que possuem, não permitem que disponibilizem recursos próprios para a capacitação, o que pode ser um fator determinante para a paralisação dos estudos.

No período de análise do instrumento para coleta de dados escolhido para esta pesquisa, percebe-se a insuficiência de informações quando questionado se as professoras recebiam algum incentivo financeiro da Escola/Governo para se especializar. Neste ponto, não foi disponibilizado um campo para que elas pudessem descrever o tipo de curso, palestra, seminário etc., para aquelas que receberam algum tipo de incentivo financeiro.

Outro aspecto identificado é referente à questão de número 5 (cinco) cuja pergunta se refere à proximidade da residência das professoras à unidade escolar. Após a aplicação do questionário, observou-se que não foi um dado relevante para a análise, logo, as conclusões nesse âmbito são preliminares e fica registrada uma carência na pesquisa, a qual poderá ser sanada por pesquisas complementares.

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta |
|---|---|---|
| 15 | Como acha que seus conhecimentos teóricos recebidos durante sua formação auxiliam em sua prática docente quando está ministrando aulas com conteúdos | **A** - Aplicando o ensino tradicional com exemplos práticos, aplicações claras com frases, etc. |
| | | **B** - Na organização dos conteúdos, explicando de forma clara os exemplos práticos, relacionando com a vivência do aluno. |
| | | **C** - Respeitando cada um, de acordo com os conhecimentos trazidos do seu cotidiano. |
| | | **D** - Aplicando alguns métodos tradicionais com atividades práticas. |

**Quadro 02 – A contribuição do conhecimento para a práxis pedagógica**

Referente à contribuição que os conhecimentos teóricos proporcionam para a atuação em sala de aula, de acordo com a questão de número 15 (quinze), as respostas foram semelhantes entre as professoras "A" e "D", e entre as professoras "B" e "C". A primeira dupla se reporta ao ensino mediado pelo método tradicional com atividades práticas. Enquanto que as outras professoras citam organização ou realização dos conteúdos em sala com base nas experiências ou vivências dos alunos.

Nesse contexto, observa-se que 50% das professoras desenvolvem sua prática a partir da vivência cotidiana ou dos conhecimentos trazidos pelos dos alunos, sendo esta uma característica de educação inovadora. No entanto, os outros 50% sinalizam a importância de seus conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação como ingrediente importante para sua atuação em sala de aula por meio de uma metodologia tradicional.

Este dado mostra claramente a influência da formação do professor para a prática em sala de aula, e no caso desta pesquisa, para o desenvolvimento lingüístico dos alunos. Dificilmente, seguindo um método tradicional, conforme classificaram as professoras "A" e "D", elas poderão realizar aulas que trabalhem com os alunos as questões relativas à variação lingüística, enfocando a norma padrão e culta da Língua Portuguesa, dentro de uma perspectiva que seja de fácil compreensão por parte dos alunos de 1ª e 2ª séries, conforme descrito por Lemle no capítulo 2.

A formação de professores interfere diretamente no desenvolvimento lingüístico dos alunos, por meio do ensino da Língua Portuguesa em sala de aula. Quando o docente possui maior acesso à informação e ao que está sendo produzido pela comunidade científica sobre os assuntos ligados à sua atuação em sala de aula, tem maior esclarecimento sobre os conceitos que envolvem o tema, e em especial, menores chances de cometer equívocos em sua prática pedagógica. Nesse sentido, registram-se, a seguir, os dados colhidos através do questionário, referentes aos conceitos de norma padrão, preconceito lingüístico e recursos metodológicos, junto às análises realizadas.

- Recursos Didáticos

O principal recurso utilizado nas escolas públicas é o livro didático. Este possui vantagens e desvantagens para seu uso na sala de aula. A maior de suas vantagens é a distribuição gratuita e por isso a abrangência que atinge no ensino público, sendo em alguns casos, a única fonte de acesso à informação para os alunos que pertencem às classes sociais mais desfavorecidas. Em se tratando das desvantagens, conforme descreve BAGNO (2007), os livros didáticos tratam apenas das variantes lingüísticas das pessoas com baixa escolaridade ou moradores de zonas rurais, sendo que variações lingüísticas ocorrem em todas as classes, sociedades e culturas conforme já discutido no capítulo 2, segundo o autor, o livro didático assume uma posição política e autoritária.

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta |
|---|---|---|
| 16 | Acredita que os alunos sejam receptivos às atividades? Por quê? | **A** - Sim, porque há o interesse em responder, gostam das atividades e correspondem a elas. |
| | | **B** - Sim, pela forma que é explicado para eles, e as atividades diversificadas. |
| | | **C** - Sim. Por que 90% deles assimilam o que é ensinado. |
| | | **D** - Sim. Quando trabalho com atividades diverdificadas com desenhos, caça-palavras, cruzadinha e outras diferentes do livro didático. |
| 17 | Cite quais as dificuldades do professor para o ensino da Língua Portuguesa. | **A** - Quantidade de alunos por turmas; faixa etária (crianças de 6 a 13 anos na mesma (turma) sala; material didático (tesoura, cola, papel ofício, lápis de cor e outros. |
| | | **B** - Material para o aluno (concreto). (livretos de história e contos entre outros). |
| | | **C** - Falta recursos na escola para melhor atender aos alunos só dispomos de gis e quadro de gis, livros didáticos mais nada. |
| | | **D** - Geralmente na ortografia, porque o aluno escreve como fala. |
| 18 | O Livro Didático é seu único recurso metodológico? | **A** - Não. |
| | | **B** - Sim. |
| | | **C** - Não. |
| | | **D** - Não. |

**Quadro 03 – Dados relativos aos Recursos Didáticos**

Um outro fator importante a ser observado foi na pergunta de número 17 (dezessete), quando questionado sobre as dificuldades para o ensino da Língua Portuguesa, apenas a professora "D" relacionou a questão para a compreensão da ortografia por parte dos alunos, diferentemente das professoras "A", "B" e "C" , que relacionaram a pergunta estritamente à falta de recursos materiais como livretos de história, lápis de cor, papel ofício, etc.

Apesar das dificuldades enfrentadas com a escassez de material didático, 100% das professoras relatam que os alunos são receptivos às atividades, sendo que as professoras "A",

“B” e “D” alegam que o motivo para tal aceitação por parte do alunado deriva da diversidade de atividades propostas em complementação ao livro didático.

A professora “B” complementa ainda que a receptividade dos alunos também é decorrente da forma como as explicações são dadas. Vê-se aqui uma auto-avaliação positiva da prática docente e ao mesmo tempo uma contradição à reposta apresentada pela professora “B” pois na questão de número 18 (dezoito), ela informou que o livro didático era seu único recurso metodológico, enquanto na questão de número 16 (dezesseis) alega que a receptividade dos alunos é em decorrência das atividades diversificadas que propõe em sala de aula.

A professora “C” relata que a aceitação dos alunos deriva da assimilação do conteúdo por parte de 90 % dos alunos. Este é um dado que pode ser trabalhado de forma mais criteriosa em uma pesquisa mais aprofundada na escola, pois este número não apresenta a totalidade dos alunos que a professora possui, tendo neste caso, um retrato claro de desconsideração de 10% dos alunos da professora, que necessitam de um acompanhamento mais próximo a fim de identificar as causas da não receptividade às atividades, para que estas sejam trabalhadas e os alunos não tenham o aprendizado prejudicado.

Como última questão, foi solicitado às professoras, cópia de algumas páginas dos livros ou atividades que utilizam em sala de aula para uma breve análise (ANEXOS B, C, D e E). Os exemplos disponibilizados mostram que as atividades propostas são semelhantes às do livro didático, não aparecendo, nesta amostra, a diversidade de propostas conforme citado nas respostas do questionário.

- Norma Padrão;

O quadro de respostas para a questão sobre norma padrão ficou assim desenhado:

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta |
|---|---|---|
| 13 | Para você, o que é norma padrão? | **A** - A forma correta de falar e escrever (pois a importância e o valor dos usos da linguagem depende das necessidades sociais de cada momento histórico). |
| | | **B** - A norma (exigida) usada na língua que falamos Língua Portuguesa (Forma correta de falar e escrever). |
| | | **C** - Aquilo que serve de norma para a avaliação de algo. |
| | | **D** - Aquilo que se instituiu como padrão de realização ou de avaliação de algo. |

**Quadro 04 – O conceito de Norma Padrão**

Percebe-se que o entendimento de norma padrão por parte das professoras "A" e "B" se confunde com o conceito de norma culta, quando se referem à forma falada de uso da língua, já que, conforme descrito referencial teórico deste trabalho, a norma culta é representada pelo conjunto de variedades lingüísticas utilizadas pelos falantes que possuem maior representatividade econômica e social na sociedade e por isso, possuem maior escolaridade. Já a norma padrão, se trata da norma prescrita pela gramática normativa, que historicamente possui um caráter elitista, no intuito de selecionar determinadas formas lingüísticas (prestigiadas socialmente) e excluir as demais. Vale ressaltar que elas fazem referência ao uso da língua e suas formas de expressão através da fala e escrita, diferente das demais professoras.

No caso das professoras "C" e "D", a norma padrão foi entendida como uma norma generalizada e não como uma norma referente ao uso da Língua Portuguesa quando citam: "Aquilo que serve de norma para a avaliação de algo" e "Aquilo que se instituiu como padrão de realização ou de avaliação de algo".

Constata-se, assim, que as professoras não têm o conceito de norma padrão totalmente esclarecido, provavelmente decorrente da formação inicial que possuem, que dificulta o aprimoramento de seus conhecimentos no campo pedagógico e lingüístico. Como conseqüência, essa incerteza do conceito por parte das professoras será transmitido também aos alunos, evidentemente não da forma como foi questionada às professoras, mas quando surgirem dúvidas por parte delas em relação ao uso da língua.

As dúvidas ou eventuais desconhecimentos sobre a norma padrão e culta podem gerar manifestações de preconceito lingüístico, que é o próximo tópico a ser trabalhado.

- Preconceito Lingüístico;

As formas de preconceito lingüístico são comuns em nossa sociedade, se manifestam em formato de mitos, conforme descritos por BAGNO (1999) e assim são transmitidos para as novas gerações na cultura brasileira.

A fim de fazer um levantamento sobre o que as professoras conheciam sobre o termo, esta foi uma das perguntas que compôs o instrumento de pesquisa:

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta |
|---|---|---|
| 14 | Para você, o que é preconceito lingüístico? | **A** - É quando não aceitamos a meneira de falar do outro. |
| | | **B** - É quando não aceitamos a diversidade do falar do outro (regionalidade) ex: nordestino e sulista. |
| | | **C** - São idéias sem fundamento sobre a língua portuguesa. |
| | | **D** - Quando criticamos as diferentes formas de falar das pessoas de outras cidades ou estados. |

**Quadro 05 – O conceito de Preconceito Lingüístico**

A interpretação da resposta da professora "C" é feita com base na obra de BAGNO (1999), onde ele afirma que o preconceito lingüístico se trata de afirmações falaciosas sobre a língua falada no Brasil, em que uma análise mais rigorosa sobre o assunto facilmente pode esclarecer. Assim, entende-se pela resposta dada, que preconceito lingüístico são "mitos ou fantasias" [4] criadas socialmente por pessoas que não possuem um conhecimento mais apurado da Língua Portuguesa.

[4] Termos extraídos da obra de Bagno (1999).

As professoras “A”, “B” e “D” demonstraram saber do que trata os termos “preconceito lingüístico”, exemplificando uma das formas em que ele é praticado. Entretanto, é possível identificar algumas distorções entre o conhecimento teórico existente e a prática em sala de aula conforme a questão abaixo exemplificada:

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta |
|---|---|---|
| 19 | Cite, por favor, exemplos de orientações que dá aos seus alunos com relação ao uso da Língua Portuguesa, na seguinte situação em que o aluno que fizer perguntas do tipo:<br>— Professor, se eu falo [péis], porque é errado escrever peis?<br>— Eu falo [matu] e não [mato]. Devia ser matu a escrita certa.<br>— [pau] e [sau] se falam igualzinho. Por que se escrevem pau e sal?<br>Qual / Quais seriam suas respostas? | **A** - Explico que apesar de falar "matu" ao escrever temos que seguir uma norma, e que a palavra na pronúncia correta é mato. |
| | | **B** - Aí sim, é que explico sobre a norma padrão. Que a Língua Portuguesa vem de outra língua, latim por isso existe um padrão e temos de segui-lo. |
| | | **C** - Digo ao aluno que a nossa língua é muito difícil e temos que ler muito e prestar atenção as regras da escrita que nós passamos durante as aulas sobre Língua Portuguesa. |
| | | **D** - Eu explico aos alunos que não existe uma maneira certa de se expressar, mas que a escrita é uma convenção de regras definidas. Assim, mostro que a fala é diferente da escrita e tento acabar com esse tipo de ocorrência. |

**Quadro 06 – A prática pedagógica para o desenvolvimento lingüístico do aluno**

A professora “A” aborda a existência da norma padrão para a escrita e a da variedade lingüística na fala quando a pronúncia é “matu”; em seguida, afirma que a pronúncia correta é “mato”. Verifica-se nesse ponto uma prática contraditória com o discurso, já que a mesma professora na pergunta de número 14 (quatorze) apresentou o conhecimento do conceito de preconceito lingüístico ao citar: “É quando não aceitamos a maneira de falar do outro”, ou seja, a professora no exemplo hipotético daria uma explicação ao aluno que a maneira de falar “matu” estaria errada.

Este exemplo corrobora para a conclusão de que para o pleno desenvolvimento lingüístico do aluno a atuação do professor na forma de como lidar com as questões da língua de fundamental importância. Afinal, mesmo que o docente tenha em sua formação o

conhecimento necessário para trabalhar com o ensino da Língua Portuguesa nas séries iniciais, se não colocar em prática e não vivenciar o que conhece na teoria, de nada valerá sua atuação.

No caso da professora "B", ela iria falar sobre a necessidade de seguir o padrão de língua oriunda do latim. A idéia é interessante do ponto de vista histórico para que o aluno compreenda que a língua teve sua origem e sofreu alterações ao longo do tempo. Em contrapartida, quando cita a obrigatoriedade de seguir um padrão, não deixa claro em sua resposta que este padrão se trata da língua na forma escrita, assim, deixa transparecer um modelo de língua rígido e imutável, longe das necessidades de uso habitual dos falantes.

Na situação em que esta seja a explicação dada aos alunos sem maiores detalhes, irá parecer para eles que a forma de falar determinadas palavras é a mesma em comparação à forma de escrevê-las. Isso pode gerar uma confusão no entendimento de correspondências entre letras e sons, já que algumas letras possuem sons distintos em diferentes palavras. Essa situação pode ser evitada se a professora trabalhar melhor sua resposta e dedicar maior tempo para explicitar outros detalhes para o aluno sobre as diferenças de sons e letras nas palavras da Língua Portuguesa, conforme detalha Lemle (2005), e discutido no capítulo 2.

A professora "C" respondeu que vivenciando uma situação semelhante à descrita por Lemle (2005), responderia: "Digo ao aluno que a nossa língua é muito difícil e temos que ler muito e prestar atenção as regras da escrita que nós passamos durante as aulas sobre Língua Portuguesa". Tal afirmação evidencia o que Bagno explica no mito: "*Português é muito difícil*":

> As regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que "português é uma língua difícil": porque temos de decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no *uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil*, é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem. (BAGNO, 1999, p. 35).

Esse tipo de resposta além de não esclarecer a dúvida do aluno transmite a ele uma idéia de reducionismo da Língua Portuguesa somente a uma disciplina dada em âmbito escolar, diferentemente do que a língua realmente é, ou seja, uma atividade social. Além disso, o retorno dado ao aluno com este exemplo de comentário faz ele perceber o aprendizado escrito da língua portuguesa como algo de extrema dificuldade, em que até a

professora, geralmente considerada pelo aluno como pessoa que compreende ou domina o conteúdo que ensina em sala de aula, possui dificuldades ou considera a difícil.

Sem dúvida, esse tipo de resposta irá fazer com que ele não visualize sentido em seu aprendizado e poderá causar futuras dificuldades de compreensão de outros assuntos dentro da mesma disciplina além de um possível desinteresse nas aulas de Língua Portuguesa, ou quem sabe, desinteresse na própria escola.

No que diz respeito às questões de variedade lingüística, apenas a professora "D" relatou uma forma de explicação semelhante à proposta de Lemle (2005). Ou seja, segundo a autora, o docente deve estar preparado para dar as explicações necessárias aos alunos de que as diferenças culturais e geográficas influenciaram historicamente na composição das sociedades que no decorrer do tempo construíram suas particularidades lingüísticas, além de esclarecer sobre as correspondências entre sons e letras.

Evidencia-se, portanto, que das quatro professoras participantes da pesquisa, apenas uma descreve no questionário que em situação parecida em sala de aula, iria dar orientações aos alunos de acordo com o que a teoria indica, no que diz respeito às dificuldades de aprendizado da língua durante o processo de alfabetização.

Com relação à quantidade de alunos por professora pesquisada, a realidade é a seguinte:

| Nº | Pergunta / Quesito | Resposta |
|---|---|---|
| 12 | Possui quantos alunos, considerando o número total de turmas que possui? | A - 60 alunos |
| | | B - 70 alunos |
| | | C - 35 alunos |
| | | D - 60 alunos |

**Quadro 07 – Distribuição de alunos por docente**

Considerando o quadro exposto, que retrata o público atendido pelas professoras, o instrumento de pesquisa demonstra que do total de 225 (duzentos e vinte e cinco) alunos que freqüentam regularmente as 1ª e 2ª séries do ensino fundamental na escola pesquisada, apenas

os 60 (sessenta) alunos da professora “D” receberiam explicações de acordo com a indicação teórica lingüística atual.

Como as professoras “A” e “B” dão aulas para as turmas de 1ª série e as professoras “C” e “D”, para as turmas de 2ª série, implica dizer que, do total de 225 (duzentos e vinte e cinco) alunos freqüentadores das duas primeiras séries do ciclo I do ensino fundamental na escola pesquisada, apenas 26% dos alunos receberiam uma orientação de acordo com os pressupostos teóricos apresentados, sendo estes, alunos da 2ª série.

Em síntese, com base nos dados colhidos, a professora “D” demonstrou ser a docente com melhor práxis pedagógica no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa em prol do desenvolvimento lingüístico dos alunos. Apesar de sua formação ser estritamente em Magistério e não receber nenhum tipo de ajuda financeira para se especializar, sua aptidão para o exercício da profissão é demonstrado através de uma atuação coerente com os apontamentos teóricos explicitados neste trabalho a partir de pensadores respeitados na comunidade científica.

Com base nas respostas acima trabalhadas, o próximo capítulo se destina a explicitar as conclusões desta pesquisa, pautada na fundamentação teórica pesquisada.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os dados apresentados, conclui-se que a contribuição da prática pedagógica no desenvolvimento lingüístico dos alunos de 1ª e 2ª séries do ensino fundamental matriculados na Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima não é satisfatória, ou não está dentro do que a teoria estudada apresenta como modelo de performance para atuação em sala de aula.

Os fatores que incidem sobre este resultado variam desde a falta de materiais didáticos até a má formação de professores que engloba o desconhecimento ou a não definição clara, sobre alguns conceitos que envolvem atuais discussões para o ensino da língua como variação lingüística, norma padrão e preconceito lingüístico.

Apesar das séries pesquisadas trabalharem fundamentalmente com assuntos de alfabetização, o mundo contemporâneo exige que a escola, por intermédio dos professores, realize o preparo do aluno para o avanço de seu conhecimento nas etapas seguintes e isso requer que o estudante seja constantemente estimulado, enxergando o sentido do seu aprendizado.

Este resultado confirma a hipótese de que a maioria dos alunos da escola pesquisada não recebe as orientações necessárias para o uso da língua de acordo com os diferentes contextos sociais de que Língua Portuguesa demanda. Apesar de reconhecer que as séries pesquisadas não exige um nível formal de utilização da língua, é importante que eles conheçam a existência de situações distintas para o uso da língua em sua forma falada, além das diferenças regionais e culturais que a caracterizam.

A metodologia empregada por meio da aplicação do questionário foi escolhida devido à sua praticidade. A avaliação da ferramenta utilizada para a pesquisa é satisfatória, porém foi perceptível que algumas das perguntas elaboradas poderiam ser excluídas ou complementadas, a fim de tornar o instrumento mais completo e eficaz.

Com base na coleta de dados realizada, conclui-se que as ações das professoras da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima no que diz respeito à compreensão da língua por parte dos alunos são, em sua maioria, propostas pelo livro didático. Algumas atividades são utilizadas de forma distinta, porém, é importante ressaltar que a essência dos conteúdos para a

compreensão da língua no que diz respeito às suas normas e contextos de uso não são corretamente trabalhadas pela maioria das docentes, já que as professoras “A”, “B” e “C” não possuem os conceitos claramente definidos e, por conseguinte, acabam por não esclarecer possíveis dúvidas dos alunos.

A professora “D” se destacou por meio de suas respostas por evidenciar uma práxis pedagógica em conformidade com os preceitos teóricos abordados, demonstrando seu preparo para o esclarecimento de possíveis dúvidas dos alunos com relação à correspondência entre letras e sons, e utilização da língua de forma geral.

A formação de professores é um fator determinante no resultado final da pesquisa que detectou que todas as docentes têm formação em Magistério, sem outros cursos de graduação ou especializações. Este dado permite inferir que a formação delas é um fator que pode ser aprimorado para a conseqüente evolução intelectual e profissional além da resultante melhora na qualidade do ensino aos seus alunos.

De forma geral, as professoras afirmam que os alunos sejam receptivos às atividades e relacionam o fato à diversidade de atividades propostas, embora o livro didático seja o recurso mais utilizado e em um dos casos, o único recurso disponível em sala de aula.

Referente à norma padrão, a pesquisa revelou que as professoras não possuem o conceito elucidado, possivelmente, em decorrência da formação exclusiva em magistério. Como conseqüência, podem não esclarecer possíveis dúvidas dos alunos ou até mesmo, passar informações sem a integridade dos fatos, devido a um desconhecimento aprofundado do assunto.

O preconceito lingüístico é um tema que as professoras demonstram ter maior conhecimento, o que contribui de forma mais positiva para um desenvolvimento lingüístico satisfatório, mediante as situações de aprendizagem. Em especial, uma das professoras se destaca por sua prática pedagógica, demonstrando seu preparo na elucidação de possíveis equívocos com relação ao uso da língua por parte dos alunos, estando de acordo com as prescrições teóricas abordadas.

Destarte, vê-se que para uma prática pedagógica em prol do desenvolvimento lingüístico dos alunos, ações das professoras alfabetizadoras da Escola Estadual Nossa

Senhora de Fátima, assim como em outras instituições de ensino devem estar pautadas na contínua especialização e no maior conhecimento da ciência da lingüística por parte dos profissionais da educação, além, é claro, do incentivo constante e participação ativa no que compete à instituição de ensino e esferas político-administrativas.

Os resultados obtidos por meio desta monografia não se limitam aos possíveis desdobramentos que o tema pode proporcionar. Por isso, aos pesquisadores e interessados no assunto, podem se fazer valer dessas conclusões iniciais para realizar uma nova pesquisa empírica que forneça maiores detalhes sobre a influência da prática pedagógica no desenvolvimento lingüístico por parte dos alunos.

Os desafios estão por toda a parte:

- Os da lingüística começam por ser uma área do conhecimento melhor divulgada entre os todos os alfabetizadores e de modo especial, aos que trabalham especificamente com o ensino da Língua Portuguesa;

- Os das professoras pesquisadas são enfrentados a cada dia quando se deparam com a realidade em sala de aula, com um grande número de alunos, com as mais diversas dificuldades e ainda enfrentam a falta de recursos. Cabe a elas o interesse e o esforço ainda maior na busca por melhores condições de trabalho por meio de melhor qualificação;

- Os da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima, englobam o desenvolvimento de ações para a melhora da qualidade do ensino a fim de atender de forma satisfatória ao seu público / comunidade, e também atender às metas do Ideb;

- Os da sociedade brasileira, em reconhecer o profissional da educação a partir de sua relevância social, por oferecer à população a disseminação do conhecimento sistematizado;

- Os desafios da educação no Brasil, de uma forma geral, são muitos. Mas, em resumo, oferecer uma educação pública de qualidade aos cidadãos é o que devemos buscar e cobrar a todo instante.

Compete a cada um de nós, educadores em formação e os já atuantes, estarmos atentos para que tais ações sejam cobradas dos órgãos competentes e sejam tomadas aquelas pelas quais somos responsáveis.

## REFERÊNCIAS


AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo:** de Piaget a Emilia Ferreiro. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico:** o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **A norma oculta**: Língua e Poder na Sociedade Brasileira. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL, Brasília. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm
Acesso em 18 out. 2008.

_____. Brasília, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2007. Disponível em: http://portalideb.inep.gov.br
Acesso em 08 nov. 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & Lingüística**: Pensamento e Ação no Magistério. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2007.

COLLELO, Silvia Mattos Gasparian. **Alfabetização em Questão.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
KLEIMAN, Angela B. et al. **O ensino e a formação do professor:** alfabetização de jovens e adultos. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

LAGE, Creuza Santos. **Refletindo sobre o projeto de pesquisa em Geografia.** Salvador, 2002. Não publicado.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador.** 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.

LUBISCO, N. M. L.; VIEIRA, S. C.; SANTANA, I. V. **Manual de estilo acadêmico:** monografias, dissertações e teses. 4.ed. rev. Salvador: Edufba, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA. Selma Garrido. (Org). **Pedagogia e Pedagogos:** Caminhos e Perspectivas. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica:** A construção do conhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

**APÊNDICE A – Questionário respondido pela professora “A”**

**Questionário para levantamento de dados para elaboração de Monografia do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia.**

Uma análise da Práxis Pedagógica no desenvolvimento lingüístico:
O caso da Escola Nossa Senhora de Fátima
**Pesquisadora: Simone Camargo Cerqueira**

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário tem por objetivo coletar informações sobre a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, como pré-requisito para elaboração de Monografia para conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia. Independente da formação do (a) professor (a) atuante no 1° ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries), a Língua Portuguesa é trabalhada em sala de aula e pretende-se com essa pesquisa, conhecer essa realidade. Todas as suas declarações são sigilosas e em **nenhuma hipótese** seu nome será relacionado.

Caso os espaços destinados para as respostas abertas não sejam suficientes, as folhas poderão ser utilizadas no verso.

Agradeço antecipadamente e desde já coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: simoneccq@yahoo.com.br

**QUESTIONÁRIO**

1 - Sexo:

☒ Feminino ☐ Masculino

2 - Formação:

☒ Magistério

☐ Ensino Superior Incompleto. Curso _____

☐ Ensino Superior Completo. Curso _____

☐ Formação Complementar (especialização /pós-graduação/mestrado/doutorado): _____

_____

3 - Recebe alguma ajuda financeira da Escola / Governo para se especializar, que ajude nos custos de mensalidade, alimentação transporte, etc.?

☒ Sim ☐ Não

4 - Tempo de Formação:

☐ Menos de 1 (um) ano

☐ Entre 1 (um) e 5 (cinco) anos

☐ Entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos

☐ Entre 10 (dez) e 15 (vinte) anos

☒ Mais de 15 anos

5 - Mora próximo à unidades escolar onde trabalha?

☐ Sim ☒ Não

6 - Renda Mensal:

☐ Abaixo de R$ 1.000,00 ☐ De R$ 1.000,00 a R$ 1.500,00 ☒ Acima de R$ 1.500,00

7 - Escolheu ser professor (a) por qual motivo?

☐ Aptidão ☐ Incentivo dos pais / familiares

☒ Não tinha outra opção ☐ Outros. Especifique: _____

8 - Trabalha na unidade escolar há quanto tempo?

☐ Menos de 01 ano ☐ Mais de 01 ano e menos de 05 anos

☐ Mais de 05 anos e menos de 10 anos ☐ Outros. Especifique: Mais de 35 anos

9 - Qual seu regime de contrato?

☐ Sou professor (a) substituto (a) ☒ Sou professor (a) efetivo (a)

10 - Conhece o projeto pedagógico da Escola?

☒ Sim ☐ Não

11 - É professor (a) de qual (quais) série (s)? 1ª Série

12 - Possui quantos alunos, considerando o número total de turmas que possui? 60 alunos.

13 - Para você, o que é norma padrão?

A forma correta de falar e escrever (pois a importância e o valor dos usos da linguagem depende das necessidades sociais de cada momento histórico.)

14 - Para você, o que é preconceito lingüístico?

É quando não aceitamos a maneira de falar do outro. (diversidade regional)

15 - Como acha que seus conhecimentos teóricos recebidos durante sua formação auxiliam em sua prática docente quando está ministrando aulas com conteúdos de Língua Portuguesa?

(Através do ensino tradicional com exemplos práticos, explicações claras com frases etc.

16 - Acredita que os alunos sejam receptivos às atividades? Por quê?

Sim, porque há o interesse em responder, gostam das atividades e correspondem a elas.

17 - Cite quais as dificuldades do professor para o ensino da Língua Portuguesa.

Quantidades de alunos por turmas; faixa etária (crianças de 6 a 13 anos na mesma turma) sala; material didático (tesoura, cola, papel ofício, lápis de cor, e outros.

18 - O Livro Didático é seu único recurso metodológico?

☒ Sim ☒ Não

19 - Cite, por favor, exemplos de orientações que dá aos seus alunos com relação ao uso da Língua Portuguesa, na seguinte situação em que o aluno que fizer perguntas do tipo:

_ Professor, se eu falo [péis], porque é errado escrever peis?

_ Eu falo [matu] e não [mato]. Devia ser *matu* a escrita certa.

_ [pau] e [sau] se falam igualzinho. Por que se escrevem *pau* e *sal*?

Qual / Quais seriam suas respostas?

A norma padrão (explico que apesar de falar "matu" ao escrever temos que seguir uma norma, e que a palavra na província correta é mato.

20 - Como uma última contribuição, solicito que disponibilize cópia de alguns exemplos de atividades de Língua Portuguesa propostas para seus alunos em sala de aula.

Muito obrigada.
Simone Camargo Cerqueira.

**APÊNDICE B – Questionário respondido pela professora “B”**

**Questionário para levantamento de dados para elaboração de Monografia do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia.**

Uma análise da Práxis Pedagógica no desenvolvimento lingüístico:
O caso da Escola Nossa Senhora de Fátima
**Pesquisadora: Simone Camargo Cerqueira**

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário tem por objetivo coletar informações sobre a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, como pré-requisito para elaboração de Monografia para conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia. Independente da formação do (a) professor (a) atuante no 1° ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries), a Língua Portuguesa é trabalhada em sala de aula e pretende-se com essa pesquisa, conhecer essa realidade. Todas as suas declarações são sigilosas e em **nenhuma hipótese** seu nome será relacionado.

Caso os espaços destinados para as respostas abertas não sejam suficientes, as folhas poderão ser utilizadas no verso.

Agradeço antecipadamente e desde já coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: simoneccq@yahoo.com.br

**QUESTIONÁRIO**

1 - Sexo:

☒ Feminino ☐ Masculino

2 - Formação:

☒ Magistério

☐ Ensino Superior Incompleto. Curso _____

☐ Ensino Superior Completo. Curso _____

☐ Formação Complementar (especialização /pós-graduação/mestrado/doutorado): _____

_____

3 - Recebe alguma ajuda financeira da Escola / Governo para se especializar, que ajude nos custos de mensalidade, alimentação transporte, etc.?

☐ Sim ☒ Não

4 - Tempo de Formação:

☐ Menos de 1 (um) ano

☐ Entre 1 (um) e 5 (cinco) anos

☐ Entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos

☐ Entre 10 (dez) e 15 (vinte) anos

☒ Mais de 15 anos

5 - Mora próximo à unidades escolar onde trabalha?

☒ Sim ☐ Não

6 - Renda Mensal:

☐ Abaixo de R$ 1.000,00 ☒ De R$ 1.000,00 a R$ 1.500,00 ☐ Acima de R$ 1.500,00

7 - Escolheu ser professor (a) por qual motivo?

☒ Aptidão ☐ Incentivo dos pais / familiares

☐ Não tinha outra opção ☐ Outros. Especifique: _____

8 - Trabalha na unidade escolar há quanto tempo?

☐ Menos de 01 ano ☐ Mais de 01 ano e menos de 05 anos

☒ Mais de 05 anos e menos de 10 anos ☐ Outros. Especifique: _____

9 - Qual seu regime de contrato?

☐ Sou professor (a) substituto (a) ☒ Sou professor (a) efetivo (a)

10 - Conhece o projeto pedagógico da Escola?

☒ Sim ☐ Não

11 - É professor (a) de qual (quais) série (s)? 1ª série

12 - Possui quantos alunos, considerando o número total de turmas que possui? 70 alunos

13 - Para você, o que é norma padrão?

A norma (exigida) usada na língua que falamos Língua Portuguesa (Forma correta de falar e escrever).

14 - Para você, o que é preconceito lingüístico?

É quando não aceitamos a diversidade do falar do outro (regionalidade) ex: nordestino e sulista.

15 - Como acha que seus conhecimentos teóricos recebidos durante sua formação auxiliam em sua prática docente quando está ministrando aulas com conteúdos de Língua Portuguesa?

Na organização dos conteúdos, explicando de forma clara e exemplos práticos, relacionando com a vivência do aluno.

16 - Acredita que os alunos sejam receptivos às atividades? Por quê?

Sim, pela forma que é explicado para eles, e as atividades diversificadas.

17 - Cite quais as dificuldades do professor para o ensino da Língua Portuguesa.

Material para o aluno (concreto). (livretos de histórias e contos entre outros).

18 - O Livro Didático é seu único recurso metodológico?

☒ Sim ☐ Não

19 - Cite, por favor, exemplos de orientações que dá aos seus alunos com relação ao uso da Língua Portuguesa, na seguinte situação em que o aluno que fizer perguntas do tipo:

_ Professor, se eu falo [péis], porque é errado escrever peis?

_ Eu falo [matu] e não [mato]. Devia ser *matu* a escrita certa.

_ [pau] e [sau] se falam igualzinho. Por que se escrevem *pau* e *sal*?

Qual / Quais seriam suas respostas?

Sí, sim, é que explico sobre norma padrão. Que a Língua Portuguesa vem de outra língua, latim por isso existe um padrão e temos de segui-lo.

20 - Como uma última contribuição, solicito que disponibilize cópia de alguns exemplos de atividades de Língua Portuguesa propostas para seus alunos em sala de aula.

Muito obrigada.
Simone Camargo Cerqueira.

**APÊNDICE C – Questionário respondido pela professora “C”**

C

**Questionário para levantamento de dados para elaboração de Monografia do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia.**

Uma análise da Práxis Pedagógica no desenvolvimento lingüístico:
O caso da Escola Nossa Senhora de Fátima
**Pesquisadora: Simone Camargo Cerqueira**

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário tem por objetivo coletar informações sobre a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, como pré-requisito para elaboração de Monografia para conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia. Independente da formação do (a) professor (a) atuante no 1° ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries), a Língua Portuguesa é trabalhada em sala de aula e pretende-se com essa pesquisa, conhecer essa realidade. Todas as suas declarações são sigilosas e em **nenhuma hipótese** seu nome será relacionado.

Caso os espaços destinados para as respostas abertas não sejam suficientes, as folhas poderão ser utilizadas no verso.

Agradeço antecipadamente e desde já coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: simoneccq@yahoo.com.br

**QUESTIONÁRIO**

1 - Sexo:

☒ Feminino ☐ Masculino

2 - Formação:

☒ Magistério

☐ Ensino Superior Incompleto. Curso _____

☐ Ensino Superior Completo. Curso _____

☐ Formação Complementar (especialização /pós-graduação/mestrado/doutorado): _____

_____

3 - Recebe alguma ajuda financeira da Escola / Governo para se especializar, que ajude nos custos de mensalidade, alimentação transporte, etc.?

☒ Sim ☐ Não

4 - Tempo de Formação:

☐ Menos de 1 (um) ano

☒ Entre 1 (um) e 5 (cinco) anos

☐ Entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos

☐ Entre 10 (dez) e 15 (vinte) anos

☐ Mais de 15 anos

5 - Mora próximo à unidades escolar onde trabalha?

☒ Sim ☐ Não

6 - Renda Mensal:

☒ Abaixo de R$ 1.000,00 ☐ De R$ 1.000,00 a R$ 1.500,00 ☐ Acima de R$ 1.500,00

7 - Escolheu ser professor (a) por qual motivo?

☒ Aptidão ☐ Incentivo dos pais / familiares

☐ Não tinha outra opção ☐ Outros. Especifique: _____

8 - Trabalha na unidade escolar há quanto tempo?

☐ Menos de 01 ano ☒ Mais de 01 ano e menos de 05 anos

☐ Mais de 05 anos e menos de 10 anos ☐ Outros. Especifique: _____

9 - Qual seu regime de contrato?

☐ Sou professor (a) substituto (a) ☒ Sou professor (a) efetivo (a)

10 - Conhece o projeto pedagógico da Escola?

☒ Sim ☐ Não

11 - É professor (a) de qual (quais) série (s)? 2ª série

12 - Possui quantos alunos, considerando o número total de turmas que possui? 35 alunos

13 - Para você, o que é norma padrão?

Aquilo que serve de norma para a avaliação de algo.

14 - Para você, o que é preconceito lingüístico?

São idéias sem fundamento sobre a língua portuguesa.

15 - Como acha que seus conhecimentos teóricos recebidos durante sua formação auxiliam em sua prática docente quando está ministrando aulas com conteúdos de Língua Portuguesa?

Respeitando cada um, de acordo com os conhecimentos trazidos do seu cotidiano.

16 - Acredita que os alunos sejam receptivos às atividades? Por quê?

Sim. Porque 90% deles assimilam o que é ensinado.

17 - Cite quais as dificuldades do professor para o ensino da Língua Portuguesa.

Falta recursos na escola para melhor atender aos alunos só dipomos de giz e quadro degis, livros didáticos mais nada.

18 - O Livro Didático é seu único recurso metodológico?

☐ Sim ☒ Não

19 - Cite, por favor, exemplos de orientações que dá aos seus alunos com relação ao uso da Língua Portuguesa, na seguinte situação em que o aluno que fizer perguntas do tipo:

_ Professor, se eu falo [péis], porque é errado escrever peis?

_ Eu falo [matu] e não [mato]. Devia ser *matu* a escrita certa.

_ [pau] e [sau] se falam igualzinho. Por que se escrevem *pau* e *sal*?

Qual / Quais seriam suas respostas?

Digo ao aluno que a nossa língua é muito difícil e temos que ler muito e prestar atenção as regras da escrita que nós passamos durante as aulas sobre a língua portuguesa.

20 - Como uma última contribuição, solicito que disponibilize cópia de alguns exemplos de atividades de Língua Portuguesa propostas para seus alunos em sala de aula.

Muito obrigada.
Simone Camargo Cerqueira.

**APÊNDICE D – Questionário respondido pela professora “D”**

D

**Questionário para levantamento de dados para elaboração de Monografia do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia.**

Uma análise da Práxis Pedagógica no desenvolvimento lingüístico:
O caso da Escola Nossa Senhora de Fátima
**Pesquisadora: Simone Camargo Cerqueira**

Prezado (a) Professor (a),

Este questionário tem por objetivo coletar informações sobre a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, como pré-requisito para elaboração de Monografia para conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia. Independente da formação do (a) professor (a) atuante no 1° ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries), a Língua Portuguesa é trabalhada em sala de aula e pretende-se com essa pesquisa, conhecer essa realidade. Todas as suas declarações são sigilosas e em **nenhuma hipótese** seu nome será relacionado.

Caso os espaços destinados para as respostas abertas não sejam suficientes, as folhas poderão ser utilizadas no verso.

Agradeço antecipadamente e desde já coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: simoneccq@yahoo.com.br

**QUESTIONÁRIO**

1 - Sexo:

☒ Feminino ☐ Masculino

2 - Formação:

☒ Magistério

☐ Ensino Superior Incompleto. Curso _____

☐ Ensino Superior Completo. Curso _____

☐ Formação Complementar (especialização /pós-graduação/mestrado/doutorado): _____

_____

3 - Recebe alguma ajuda financeira da Escola / Governo para se especializar, que ajude nos custos de mensalidade, alimentação transporte, etc.?

☐ Sim ☒ Não

4 - Tempo de Formação:

☐ Menos de 1 (um) ano

☐ Entre 1 (um) e 5 (cinco) anos

☐ Entre 5 (cinco) e 10 (dez) anos

☐ Entre 10 (dez) e 15 (vinte) anos

☒ Mais de 15 anos

5 - Mora próximo à unidades escolar onde trabalha?

☐ Sim ☒ Não

6 - Renda Mensal:

☐ Abaixo de R$ 1.000,00 ☐ De R$ 1.000,00 a R$ 1.500,00 ☒ Acima de R$ 1.500,00

7 - Escolheu ser professor (a) por qual motivo?

☒ Aptidão ☐ Incentivo dos pais / familiares

☐ Não tinha outra opção ☐ Outros. Especifique: _____

8 - Trabalha na unidade escolar há quanto tempo?

☐ Menos de 01 ano ☐ Mais de 01 ano e menos de 05 anos

☐ Mais de 05 anos e menos de 10 anos ☒ Outros. Especifique: Mais de 25 anos

9 - Qual seu regime de contrato?

☐ Sou professor (a) substituto (a) ☒ Sou professor (a) efetivo (a)

10 - Conhece o projeto pedagógico da Escola?

☒ Sim ☐ Não

11 - É professor (a) de qual (quais) série (s)? Sou professora da 2ª série

12 - Possui quantos alunos, considerando o número total de turmas que possui? 60 alunos

13 - Para você, o que é norma padrão?

Aquilo que se institui como padrão de realização ou de avaliação de algo.

14 - Para você, o que é preconceito lingüístico?

Quando criticamos as diferentes formas de fala das pessoas de outras cidades ou estados.

15 - Como acha que seus conhecimentos teóricos recebidos durante sua formação auxiliam em sua prática docente quando está ministrando aulas com conteúdos de Língua Portuguesa?

Aplicando alguns métodos tradicionais com atividades práticas.

16 - Acredita que os alunos sejam receptivos às atividades? Por quê?

Sim. Quando trabalho com atividades diversificadas com desenhos, caça-palavras, cruzadinha e outras diferentes do livro didático.

17 - Cite quais as dificuldades do professor para o ensino da Língua Portuguesa.

geralmente na ortografia, porque o aluno escreve como fala.

18 - O Livro Didático é seu único recurso metodológico?

☐ Sim ☒ Não

19 - Cite, por favor, exemplos de orientações que dá aos seus alunos com relação ao uso da Língua Portuguesa, na seguinte situação em que o aluno que fizer perguntas do tipo:

_ Professor, se eu falo [péis], porque é errado escrever peis?

_ Eu falo [matu] e não [mato]. Devia ser *matu* a escrita certa.

_ [pau] e [sau] se falam igualzinho. Por que se escrevem *pau* e *sal*?

Qual / Quais seriam suas respostas?

Eu explico aos alunos que não existe uma maneira certa de se expressar, mas que a escrita é uma convenção de regras definidas. Assim, mostro que a fala é diferente da escrita e tento acabar com esse tipo de ocorrência.

20 - Como uma última contribuição, solicito que disponibilize cópia de alguns exemplos de atividades de Língua Portuguesa propostas para seus alunos em sala de aula.

Muito obrigada.
Simone Camargo Cerqueira.

## APÊNDICE E – Questionário respondido pela vice-direção

**Questionário para levantamento de dados para elaboração de Monografia do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia.**

Uma análise da Práxis Pedagógica no desenvolvimento lingüístico:
O caso da Escola Nossa Senhora de Fátima
**Pesquisadora: Simone Camargo Cerqueira**

Prezado (a) Senhor (a),

Este questionário tem por objetivo coletar informações quantitativas sobre a Escola Nossa Senhora de Fátima, que sirva como base para uma análise qualitativa sobre a prática pedagógica no ensino da Língua Portuguesa, para os alunos do 1° ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries). Todas as suas declarações são sigilosas e em **nenhuma hipótese** seu nome será relacionado.

Caso os espaços destinados para as respostas abertas não sejam suficientes, as folhas poderão ser utilizadas no verso.

Agradeço antecipadamente e desde já coloco-me à disposição para maiores esclarecimentos através do e-mail: simoneccq@yahoo.com.br

**QUESTIONÁRIO**

1 – Turnos de Funcionamento:

☒ Matutino ☒ Vespertino ☒ Noturno

2 - Quantidade de turmas: 38

3 - Quantidade total de alunos: 1567

4 - Quantidade aproximada de alunos por turma: 40

5 - Quantidade total de professores: 24

6 - Quantidade total de funcionários: 30

Para as questões abaixo, considera-se apenas o contexto do 1° ciclo do ensino fundamental (1ª e 2ª séries), exceto turmas de Educação de Jovens e Adultos, caso exista.

1 – Turnos de Funcionamento:

☐ Matutino ☐ Vespertino ☒ Ambos

2 - Quantidade de turmas: 11

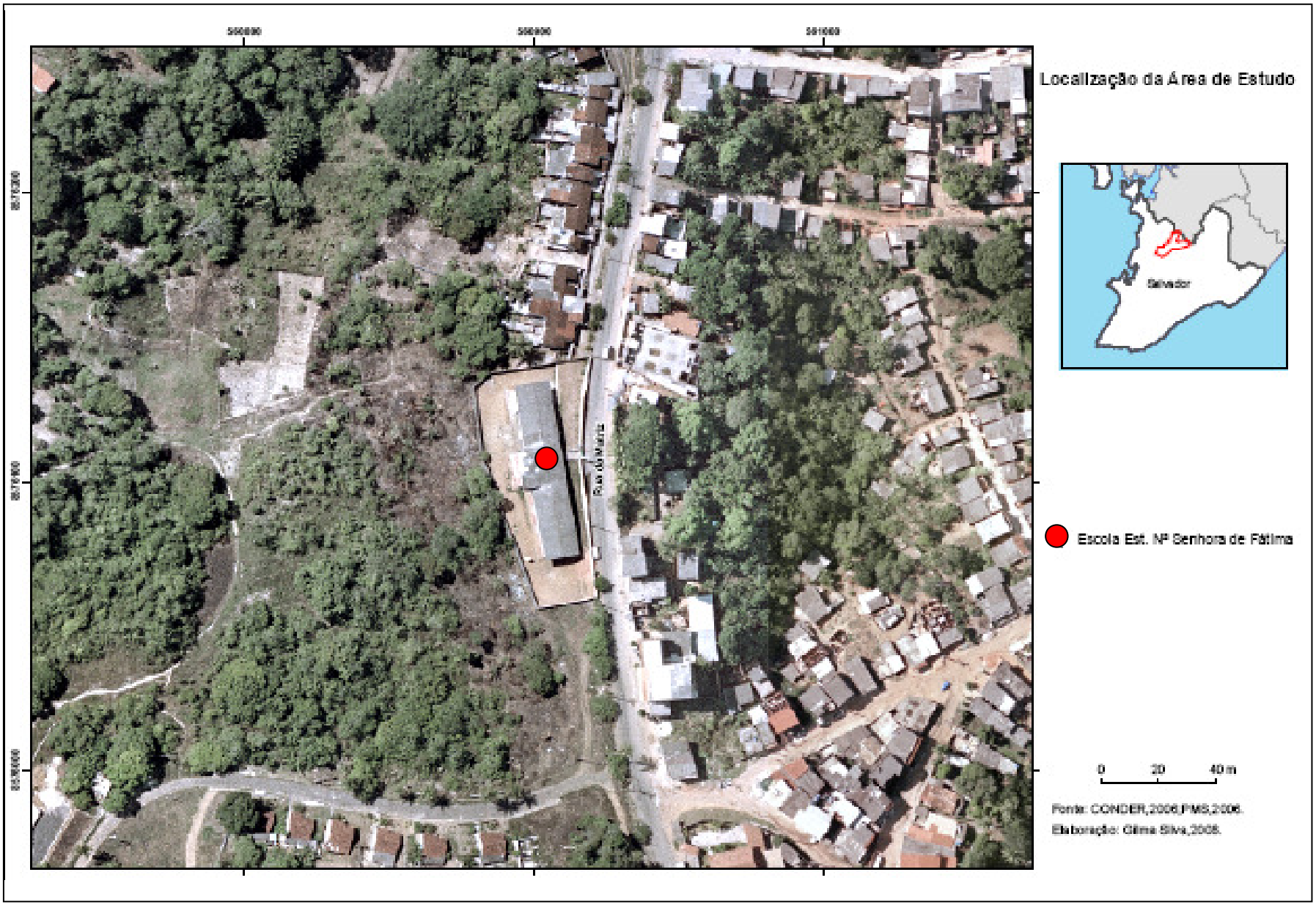
3 - Quantidade total de alunos: 330

4 - Quantidade aproximada de alunos por turma: 30

5 - Como uma última contribuição, solicito que disponibilize cópia do Projeto Político Pedagógico da escola, no que se refere à disciplina de Língua Portuguesa.

Muito obrigada.
Simone Camargo Cerqueira.

## ANEXO A – Localização da Área de Estudo


Localização da Área de Estudo
Salvador
Escola Est. Nº Senhora de Fátima
0
20
40 m
Fonte: CONDER,2006;PMS,2006.
Elaboração: Gilma Silva,2008.

**ANEXO B – Cópia de parte do Livro Didático utilizado na 1ª série**

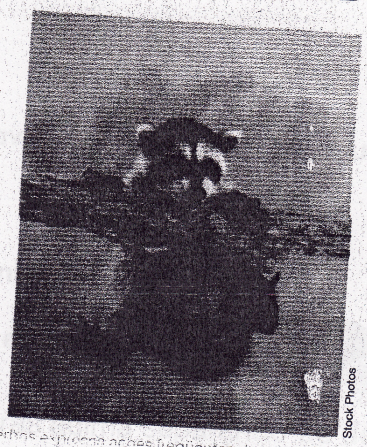
DILÉA PIRES
A CAMINHO DO LETRAMENTO
Alfabetização
PNLD 2007 2008 2009
FNDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CÓDIGO DO LIVRO: 104794
TIPO: L
É PROIBIDO ALIMENTAR OS ANIMAIS
ALFABETIZAÇÃO
Formato

# GRAMÁTICA

Matutino 29/10/08

1 Leia.

Anda,
corre,
sobe no galho,
olha para um lado,
olha para o outro,
pula,
tropeça,
escorrega e... ui!
O guaxinim quase cai!



Stock Photos

a) Copie no seu caderno os verbos que aparecem no texto acima.

b) Em que tempo eles estão?

2 Copie os textos abaixo, completando-os com esses mesmos verbos, nos tempos pedidos.

a) passado

Antes de tirar uma soneca, o guaxinim ☆ , ☆ , ☆ , no galho , ☆ para um lado, ☆ para o outro, ☆ , ☆ , ☆ e ui...! Quase ☆ !

b) futuro

O guaxinim logo acordará e então ☆ , ☆ , ☆ no galho, ☆ para um lado, ☆ para o outro, ☆ e, desta vez, vai tomar cuidado para não tropeçar e escorregar.

# DDDDDDDDDDDD COM QUE LETRA

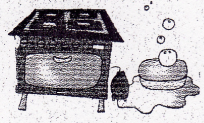
**1** Leia as palavras.

jogarão sabão ratão balão gatão

pintarão avião carrão buracão

lerão cantarão fogão falarão feijão

cachorrão caminhão conversarão pimentão



janelão escreverão narigão

- Agora, copie as palavras acima separando-as de acordo com os quadros abaixo.

| Nome de coisas que estão no tamanho normal | Nome de coisas grandes | Palavras que se referem a ações que vão acontecer |
|---|---|---|
| balão, feijão, avião, fogão, sabão, caminhão, pimentão | carrão, cachorrão, ratão, buracão, gatão, janelão, narigão | jogarão, caminhão, falarão, pintarão, lerão, conversarão, escreve |

**2** Converse com seu professor e colegas: que palavras do exercíci 1 com final **r + ão** poderiam ser escritas com final **r + am**?

jogarão / jogaram, cantarão / cantaram, falarão / falaram, pintarão / pintaram, lerão / leram, conversarão / conversaram, escreverão / escreveram

- Agora, explique com suas palavras por que isso acontece.

Espera-se que as crianças concluam que essas palavras são verbos e que indicam ação futura para **r + ão** para indicar passado.

**3** Escolha duas palavras do exercício anterior. Uma terminada por **r + am** e outra por **r + ão**.

Resposta pessoal.

- Faça frases em que essas palavras terminem por:

Resposta pessoal.

a) r + ão b) r + am

**ANEXO C – Cópia de parte do Livro Didático utiliza**

Língua Portuguesa

Coleção PORTA ABERTA • Língua Portuguesa

Manual do Professor

# PORTA ABERTA

## Língua Portuguesa

Isabella Carpaneda • Angiolina Bragança

PNLD 2007
FNDE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CÓDIGO DO LIVRO: 114711
TIPO: M

2ª série

FTD

## A PALAVRA É SUA

Você já sabe o que é um
o informativo. Sabe também
e é uma enciclopédia.
- Você se lembra para que
em os textos informativos?
- Além das enciclopédias,
e podemos encontrar esse
de texto?
- Que informações
vemos no texto **Ave**?
- Você acha importante ler
s informativos? Por quê?

## A ESCRITA TAMBÉM É SUA

193

ia e responda de acordo com o texto:

A ave é um animal emplumado.

O que quer dizer a palavra **emplumado**?

_____

_____

2. Complete as frases conforme o texto:

Todas as _____ têm _____ e _____.

Algumas _____ não podem _____.

3. De acordo com o texto, em quais lugares podemos encontrar aves?

_____

_____

_____

4. Procure, em revista ou jornais, fotos, desenhos ou nomes de aves. Cole aqui:

Você gostaria de ser uma ave?
Que ave gostaria de ser? Por quê?
Se você se transformasse numa ave,
o que faria primeiro?

Faça de conta que você é uma ave e imagine-se numa aventura. Escreva sua aventura nas linhas abaixo e dê um título para ela.

➢ Capriche no texto. Lembre-se de que ele será lido para os seus colegas.

_____

_____

_____

_____

_____

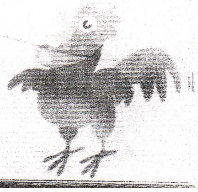
_____

_____

_____

_____

➢ Releia o seu texto, observando se você usou os sinais de pontuação adequados.



6. Escreva palavras com as letras da palavra **emplumado**:

em → **tem**po _____ _____

plu → **plu**ma _____ _____

ma → **ma**caco _____ _____

do → **do**ce _____ _____

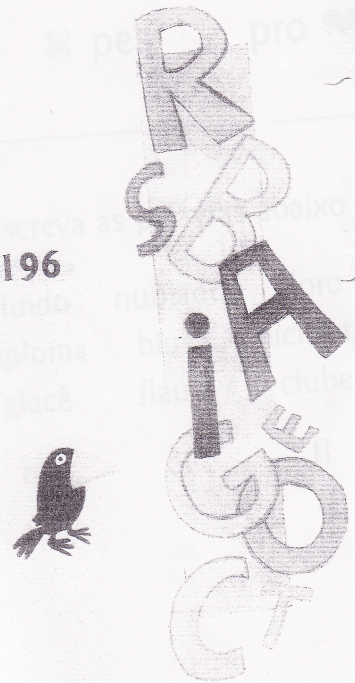
7. Junte as sílabas e forme palavras:

pla < ca → / no →

glo < bo → / bal →

flo < co → / res →

cla < ve → / ra →



Substitua os símbolos pelas sílabas correspondentes, formando palavras:

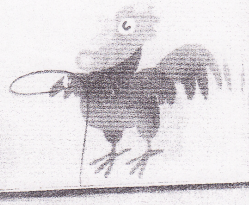
| | | |
|---|---|---|
| ♥ ble | ◆ pli | ✖ cli |
| em ♥ ma | am ◆ ar | ✖ ente |
| _____ | _____ | _____ |
| am ◆ dão | ✖ ma | pro ♥ ma |
| _____ | _____ | _____ |
| ✖ pes | pro ♥ mático | a ◆ car |
| _____ | _____ | _____ |

ANEXO D – Exemplo de Atividade extra proposta pela professora "A"

197

Escreva as palavras abaixo nas colunas certas:

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| fluido | nublado | cloro | flecha | bloco | atlas |
| diploma | blusa | bicicleta | gleba | atleta | glicerina |
| glacê | flauta | clube | pleno | pluma | atlântico |
| bl | cl | fl | gl | pl | tl |



**ANEXO D – Exemplo de Atividade extra proposta pela professora “A”**

20. Texto

**Brinquedos.**

A boneca senta e chora
A bola rola sem parar,
O pião gira e rebola,
A pipa voa lá no ar.

1) Colorir no texto os nomes dos brinquedos.

2) Escrever os nomes dos brinquedos separando em sílabas.

(desenho)
boneca [ | | ] bola [ | ]
pião [ | ] pipa [ | | ]

3) Ligar a 1ª coluna de acordo com a 2ª

| | |
|---|---|
| A BONECA | VOA |
| A BOLA | GIRA E REBOLA |
| O PIÃO | ROLA |
| A PIPA | SENTA E CHORA |

4) Escrever outras palavras com as letras das palavras abaixo.

| BONECA | SENTA |
|---|---|
| | |
| | |
| | |
| | |
| (cone, boca, corbo, breca, cone) | (seta, neta, esta, antes, sena.) |

5) Formar palavras seguindo as setas.

MI → AV _____
→ MO _____
→ NA _____
→ LHO _____

6)

**ANEXO E – Exemplo de Atividade extra proposta pela professora “B”**

SWILINGÜIDO
© LUZ E VIDA

Escola

Data: 03/11/08.

Pró:

Atividades de classe.

1- Complete e leia as palavras com a letra m e escolha três para ilustrar:

jardi___ ta___ bor lâ___pada

e___pada bo___bo___ li___pa

Ilustração

2- Leia as palavras abaixo e depois complete o quadro.

| | | |
|---|---|---|
| jardim | parecem | calçaram |
| alguém | batom | caim |
| armazém | tomaram | um |
| Miriam | jasmim | som |
| bom | nuvem | comum |

credeal

SMILINGÜIDO

© LUIZ F. VIEIRA

| am | em | im | om | um |
|---|---|---|---|---|
| | | | | |

3- Pinte as sílabas que formam o nome:

JARDIM glu jar tla dim flu

BOMBOM bom bla ple bom fla

LÂMPADA lâm cle pa fla da

CAPIM tlu ca pim tlim glo

TAMBOR tam flu tlas cla bor

4- Escreva uma frase para cada palavra acima.

credeal